

ELEMENTOS DA NACIONALIDADE PORTUGUEZA

3. — As populações ibéricas

Os modernos estudos de antropologia esclarecendo o problema da classificação das raças, os da ethnologia comparando os costumes, os da linguística restabelecendo pela toponymia a séde de determinados povos, os da archeologia classica coordenando as inscrições lapidares, têm carreado para a reconstrução da historia inesperados subsidios, chegando-se a penetrar em épocas remotissimas que nos não legaram documentos voluntarios. Os povos ibéricos considerados como os primeiros emigrantes asiaticos que occuparam a península são apontados nos geographos gregos e romanos tão vagamente, que ficaram por muito tempo uma raça mysteriosa, de que se duvidaria, se não persistissem vestigios da sua lingua e individualismo nas povoações bascas da Hespanha e da França pyrenaicas. Eram os bascos ou iberos um ramo dos povos áricos, que precedeu esta corrente de migração para a Europa? Eram um ramo dos povos mongoloides, os quaes precederam todas as outras raças humanas no seu cosmopolitismo? Eram um ramo dos povos semitas, como se poderá inferir pela facilidade com que foram assimilados pelos phenicios, lybio-phenicios, carthaginezes e arabes? É este o primeiro problema a definir, porque sobre a sua complexidade se basearam innumerables theorias. Pelo que se pôde inferir da linguagem euskariana, pertence ella ao grupo das linguas *agglutinativas*, estado caracteristico da linguagem nas raças amarellas; pela sua actividade industrial davam-se aos trabalhos da *meta lurgia*, peculiar no mundo primitivo das tribus mongoloides; pela

sua religião, estavam n'esse estado de fetichismo, d'onde nunca saíram os mongoloides, ou turanianos como dizem alguns escriptores, o que se confirma pelo nome dos seus deuses, como *Oke*, *Dovel*, *Yuma*, e pela persistencia das fórmas do chthonismo nas superstições dos povos peninsulares. Eram os Iberos evidentemente de raça amarella, mas n'aquelle estado primario em que ainda se confundia com a raça árica; esta situação especial não tem sido notada pelos antropologistas, deixando por isso de explicarem um grande numero de factos. Bergmann estudando a raça japhetica,¹ mostra que ella se divide em tres grupos, o oriental, ou dos Arias (da India, Bactria, Media e Persia), o sub-occidental comprehendendo os Athurs, (tronco dos Assurs) os Haigans (tronco dos Armenios) e os *Ibers*, tronco dos Luguses das Gallias e dos Iberos da Hespanha; o grupo occidental, comprehende os Kamars (tronco dos Kimerokelticos), os Javans (tronco dos Hellenos) e os Scythas, (tronco dos Getas, dos Germanos e Scandinavos). Por este quadro se explica na Asia o duplo character antropologico de *louro* e *trigueiro*, e ethnico de *pastoral* e *agricola*; explica-se a relação dos gregos com os egypcios, e com os iberos da peninsula antes das conquistas carthaginezas, e a dos iberos com os gaulezes, com os celtas-cimerianos, e mais tarde com as hordas germanicas, de cabelo *ruivo*. O berber da Africa, cuja dolichocephalia coincide com a dos bascos da Hespanha, apresenta tambem esse typo *louro*, que os árias receberam do contacto com a raça amarella da alta Asia. Esta raça essencialmente nomada foi das primeiras que se deslocou do seu habitat; Bergmann, estudando os Getas e os Germanos, mostra plenamente o seu parentesco com os Scythas, restabelecendo as relações ethnicas dos árias primitivos com a raça nomada da alta Asia; as migrações áricas foram, por assim dizer, sobre as pégadas d'ella, como quem lhes abrija o caminho. Spencer explica a causa d'essas grandes migrações pela climatologia: «Quando se lança os olhos sobre a carta dos climas do globo, vê-se uma superficie quasi continua, a região sem chuva, que se estende através do norte da Africa, a Arabia, a Persia, o Thibet e a Mongolia; foi do interior ou das fronteiras d'esta região que saíram todas as raças conquistadoras do mundo antigo. A raça tartara transpondo a cadeia montanhosa, limite meridional d'estas região, povoou a China e os paizes que a separam da India, repellindo os aborigenes para as

¹ Nome generico, que Rask deu á raça branca, substituido por Cuvier pelo de *caucasica*, por Schlegel e Bopp pelo de *Indo-europeia*, e por Ewald e Hæckel pelo de *mediterranea*.

montanhas; ella não se limitou a dirigir para este lado as ondas de invasores que se destacavam d'ella successivamente, arremessou-as de tempos a tempos para o occidente. A raça *drica* espalhou-se pela India e abriu caminho através da Europa. A *semitica* tornou-se dominante no norte da Africa, e inflammada pelo fanatismo mussulmano conquistou uma parte da Hespanha.»¹ Estas tres raças partindo de pontos differentes da região sem chuva, encontram-se na península em differentes épocas, trazidas pelo impulso que as attrahia para regiões relativamente humidas, como diz Spencer. As incursões tartaras na Europa até á ultima invasão da Russia, foram o resto d'esta corrente que seguiram tambem os povos áricos. Reclus explica como pelas depressões entre o Thian-Chan e o Altai foi por onde os mogoes se arrojaram sobre a Asia menor e a Europa central; tambem pelas desembocaduras do planalto da Persia para as planicies da Tartaria e do mar Caspio, precisamente onde se ligam os planaltos da Mongolia e da Persia, existe o desfiladeiro por onde irromperam as migrações arianas.² Estes factos da geographia que illuminam a historia, mostram-nos como a idéa de Bergmann em quanto aos elementos mongoloides da alta Asia misturados com os árias se torna uma verdade imprescindivel. O Ibero, representa no Occidente da Europa esta grande migração asiatica, que precedeu a dos Arias; e o seu recuamento para o extremo occidente, na Hespanha, França e Inglaterra, corresponde ao periodo mais vetusto e ao facto de ser repellido por novos invasores, como se deu com os chinezes no extremo Oriente. Se algum nome se pôde dar a este estado dos povos mongoloides quando confundidos com os árias, é o de *Turanianos*, cuja civilisação tem caracteres poderosos, que constituem já um importante capitulo da historia da humanidade; os Arias ao constituirem-se em raça distincta, repelliram o contacto com os filhos de Turan, da mesma fórma que os Semitas desprezavam a *raça vil de Kusch*, sendo este elemento melanoide os proto-semitas, os fundadores da civilisação kuschita, sem a qual, segundo Renan e outros, não se explica a origem da cultura semita.

Assim as povoações ibericas da península representam-nos uma civilisação proto-historica, industrial e agricola, cujo centro foi a Aquitania, onde resistiram ás correntes da invasão árica, e onde essa civilisação teve a sua renascença, conspirando para o estabelecimento d'esse facto tão admiravel da unidade da civilisação occidental, sem o qual a historia da Grecia, Roma, Italia, França,

¹ *Sociologia*, t. 1, p. 32, da trad. franceza.

² *Les Phenomènes terrestres*, p. 46 e 47.

Hespanha, Portugal e Inglaterra, verdadeiramente solidarias, fica inintelligivel.¹

Antes de entrarmos na exposição da segunda migração asiatica, ou dos Celtas, importa accentuar pelos dados actuaes da antropologia os elementos communs da população occidental, na Italia, na França, na Hespanha e na Inglaterra, para comprehendermos as fórmas similares da sua organização social, da aggregação nacional, e homogeneidade de civilização.

A Italia, entre as suas diversas populações, destaca os seguintes grupos: 1.º Os Osquos, (comprehendendo os Marsas, Sabinos, Samnitas, Lacanios, Campanios) pela sua designação generica analogos aos Eusk, da Hespanha e aos *Ausci* da França meridional; e os *Illyrios* ou Pelasgos, (Siculos, Liburnos, Venetes ou Hene-tes) correspondentes ao Ibero da Hespanha, e aos Siluros, da Inglaterra, os quaes, segundo Tacito, eram Iberos. É verdadeiramente notavel esta concordancia ethnica, que ainda com relação á França se confirma com o Celta louro, que os antropologistas destacam do Celta da historia. O segundo grupo ethnico pertence já ás migrações áricas: 2.º Os *Sicanos* e Ligurios, que entram pelo desfiladeiro occidental dos Alpes, e os *Ambrones* ou Umbrios, que entram pelo Tyrol, fixam-se na Gallia cisalpina e descem ao meio-dia fixando-se na Umbria. São dois elementos celticos identicos aos da França, que os geographos distinguiam pelo nome Keltoi e Keltikoi, e os ethnologos em Celta nomada, Kimri ou Cimbro, e os Gaels ou Welches, ramo das montanhas descendo do norte da Europa. Na peninsula hispanica apparece tambem este duplo elemento celtico, o maritimo ou Celta lygio, e o Gallaeco, similhante ao celta francez do Garonna ao Sena, e dos Alpes ao Atlantico. Com relação á Inglaterra, vê-se tambem a mesma duplicidade nos celtas Caledonios e Bretãos. É um prospecto comparativo em que se estabelece com clareza o quadro d'estas duas primeiras grandes migrações asiaticas. O conflicto d'estas duas raças provocou a primeira aggregação social. Na Italia estabelecem-se confederações de trinta

¹ No seu livro *La Politique de l'Histoire*, t. 1, p. 81. escreve Ernest Charrière: « Não vemos difficuldades para crer que primitivamente a raça hespanhola e italiana eram identicas e vinham juntar-se pelo laço natural da Aquitania e pelo meio-dia da Gallia, como o indicam todas as relações actuaes. A analogia da raça iberica com esta antiga raça autochtone, que apresentam todas as antiguidade da Italia, tão completamente obliterada na historia sob a triplice invasão dos Gaulezes, dos Etruscos e dos Gregos, deve ter sido anterior mesmo áquella que se estabeleceu depois pela immigração dos Sicanos, e dos Ligurios, e as denominações ibericas da Italia podem pertencer a esta communhão natural que nós attribuímos ás duas populações. »

idades; a fôrma de confederação repete-se na França e na Hespanha; é um facto de uma extraordinaria importancia historica para explicar as duas fôrmas de aggregação social, o Municipio, que persiste através de todas as revoluções por que tem passado a Europa, e a Federaçào, cujos restos ainda se manifestam nos paizes mais politicamente atrasados. Na Italia, pela fusão d'esses dois elementos emigrantes, começa uma unificação nacional, como se deprehende do Osquo, fallado junto a Tarento, na Campania, no Latium até Roma. Os vencidos perdem facilmente a sua lingua, quando a do invasor tem mais condições de universalidade; é assim que os Rhasenos, ramo latino, operam a incorporação da Italia. Assim se estabeleceu com a occupação a linguagem, que na época dos Romanos tão facilmente se propagou á França e Hespanha, o que se não pôde explicar por uma simples occupação militar de tão poucos seculos, e por meros interesses de pressão administrativa. Fique por tanto indicado este facto indispensavel para comprehendermos a incorporação romana do Occidente, e em especial na nossa península, que deu tantos poetas e rhetoricos para Roma, quando já lhe escasseavam os talentos. Na península hispanica os Celtas tambem se fusionaram com os lberos formando uma raça mixta dos Celtiberos, notavel pelas suas fôrmas de aggregação social, em federações com que se defenderam contra as invasões semitas.

Um facto scientifico de alta importancia, por isso que é o verdadeiro criterio para a ethnogenia das raças deduzida das suas civilizações historicas, é essa «contradicção apparente que existe entre o *facto linguistico* e o *facto antropologico*; a linguistica pura e simples indicaria uma filiação que os antropologistas não podem admitir.»¹ Este facto apresentado por Broca é exemplificado com os phenomenos ethnicos da Inglaterra, da França e da Hespanha, e pela sua lucidez se comprehende por exemplo na Península hispanica, como é que estes povos fallaram latim e dialectos românicos sem serem romanos, e como é que fallaram dialectos deixando na toponymia uma grande parte do seu vocabulario, sem que os Celtas preponderassem aqui pelo seu numero. Broca procura a razão d'este facto no determinismo antropologico, ou hereditariedade do typo physico, formulando este principio, já anteriormente previsto por Müller: «Quando duas raças vivem no mesmo solo e se fusionam, o typo physico altera-se principalmente na proporção da intensidade do cruzamento, depois a raça mestiçada tende a regressar, na serie das gerações, ao typo da raça mãe como mais numerosa. O typo physico que resiste ao cruzamento com mais ou me-

¹ Broca, *Mem. d'Anthropologie*, tom. I, p. 276.

nos pureza é então o d'aquella raça que predomina *numericamente*.»¹ Além da importancia do numero, que influe na regressão ao typo physico, existe o grão de civilisação, que influe na generalisação da linguagem do povo mais avançado, que se torna o idioma nacional. Importa citar as proprias palavras de Paul Broca, pelo valor da coordenação que introduzem em todas as questões de origens historicas e sociaes: «Por consequencia, quando dois povos se fusionam, não ha nenhum parallelismo entre as condições que fazem prevalecer o typo physico e as que fazem prevalecer o typo physico de uma ou outra raça. Ao cabo de um certo numero de gerações, quando a fusão se effectuou, a raça cruzada tende a aproximar-se cada vez mais do typo physico da raça a mais numerosa, ao passo que algumas vezes a lingua da raça menos numerosa é que supplanta e substitue a da maioria. Assim, acontece muitas vezes, que a raça conquistada regressa completamente ou quasi completamente ao seu typo primitivo, que ella absorve os seus conquistadores, e que ella não conserva nenhum vestigio do sangue d'elles, diluido pela serie de gerações, continuando contudo a fallar-lhes a lingua, porque a extincção dos idiomas nacionaes proseguiu a par e passo com a extincção dos caracteres physicos das raças estrangeiras». ² Na ethnogenia dos povos peninsulares, este facto antropologico é de uma immensa luz. Os Iberos occuparam a peninsula a que deram o nome, supplantando pelo seu numero e pela superioridade de cultura as populações autochtones e trogloditas, de que ainda se acham os vestigios craneanos. Porém, apesar da sua civilisação metallurgica, uma invasão de Celtas vinda das Gallias, pela sua mais elevada capacidade militar e cultura moral, como se observa pelo druidismo, facilmente se impoz aos habitantes do solo iberico, fusionando-se em uma povoação celtiberica, em que a superioridade numerica ficava ao ibero, e a superioridade moral ao celta. O que se vê na historia é do mais alto interesse; os Celtas desaparecem, e tornam-se quasi uma ficção, ³ mas os logares conservam através dos seculos nomes com radicaes celticos, alguns deuses, a ponto dos linguistas da peninsula se illudirem querendo que a existencia dos Iberos seja um mytho, por falta de documentos linguisticos, e que os Celtas sejam a raça com realidade historica. As populações mauritanas e lybio-phenicias que entraram na peninsula hispanica, fizeram pelo seu cruzamento com os celtiberos regressar ao typo iberico, mas persistindo a cultura

¹ Broca, *Mem. d'Anthropologie*, t. 1, p. 276.

² *Ibid.*, p. 257.

³ Conclusões do dr. Francisco Martins Sarmiento.

celtica, que coadjuvou de um modo excepcional a implantação da cultura e das instituições provinciaes romanas na peninsula. Os romanos dominaram na Hispania mas não pelo seu numero; a superioridade administrativa e a sua forte incorporação em nada influuiu no typo physico, ao passo que radicou a instituição municipal em harmonia com o antigo espirito separatista ou cantonal, e substituiu ao celta o latim, coadjuvado pelas analogias primordiaes de um fundo árico commum. Quando as raças germanicas invadiram o Imperio, e os visigodos occuparam a peninsula hispanica, ellas estavam ainda em um grande atrazo ou barbarie; entre os visigodos vinham tribus scythicas do norte, como os alanos, que favoreciam a persistencia do typo physico do ibero, e por isso a impetuosidade germanica na sua conquista submetteu-se á cultura romana, traduzindo-lhe os codigos, e fallando os dialectos romanicos diferenciados pela falta de escripta. Aqui dá-se tambem uma illusão nos historiadores da peninsula, que attribuem todas as origens sociaes e litterarias da peninsula aos romanos, quando elles pelo seu diminuto numero não exerceram mais do que uma acção moral, sendo a lingua o instrumento de assimilação por onde o conquistador se relacionou com o povo vencido e civilisado. Na invasão dos Arabes duas fortes raças e duas civilisações se acharam em conflicto, e por isso penetraram-se, como se vê pela imitação dos costumes arabes pelos *Mosarabes*, e depois na assimilação dos costumes hespanhoes pelos *Mudjares*; a lingua arabe vulgarisava-se na *Aravia*, e a lingua romanica arabisava-se no aljamaido, mas uma d'ellas viria a preponderar de um modo exclusivo e absoluto. Havia de ser aquella que fosse orgão de uma maior civilisação; o arabe diffundido pela Hespanha, França meridional e Italia maritima, como se vê pelos seus vestigios nos vocabularios actuaes, ter-se-hia tornado triumphante, se a Europa occidental, diante de um perigo commum e immenso, não repellisse para o oriente esse ultimo ramo dos povos semitas que ainda disputava a hegemonia da humanidade. Na peninsula os nomes arabes são simultaneos com os latinos, como *sastre* e *alfaiate*; mas o typo linguistico ficou o do latim, instrumento unificador da Civilisação occidental. O Arabe foi coadjuvado na conquista da Hespanha pelo elemento mauresco, fazendo-se assim a regressão ao typo iberico, ao qual as convulsões historicas coadjuvaram sempre a sua persistencia do typo antropológico.

Para estabelecer as bases scientificas da ethnologia da Peninsula hispanica, convém condensar os resultados recentes da antropologia ácerca das raças da Europa, até ás conquistas romanas; em geral as camadas succedem-se n'esta accumulção de povos pela mesma ordem tanto para a Italia e Hespanha, como para a França e

Bretanha. Paul Broca resume em poucas palavras o estado da questão, que tomaremos como direcção do nosso criterio: « Eu penso, quanto a mim, que os Bascos dos Pyreneos são os ultimos representantes de cabellos negros que occupou outr'ora a maior parte do nosso territorio; que uma grande invasão, procedendo do norte ao sul e léste a oeste, conduziu então os Gallos para a França central e até ao pé dos Pyreneos, que o mixto d'esta população nova com a população primitiva produziu no sudoeste, onde dominava o sangue indigena, a raça dos Aquitanios de cabellos negros (Aquitanos, [Auch] *Ausci*, Auskes, Euskes, Vascos, Bascos), e, no resto da Gallia, a raça dos Celtas de cabellos castanhos a qual se estendeu depois, antes das edades historicas, para a Bretanha, (a dos antigos, hoje Gram-Bretanha), para a Irlanda, para a Hespanha e Italia; que, finalmente, em época incomparavelmente mais recente, a partir do seculo VII antes de Jesus Christo, os Kimris, Cimmericos ou Cimbricos repellidos das bordas do Mar Negro pela invasão dos Scythas, (d'onde proveiu o nome de Criméa) espalharam-se por toda a Europa occidental, transpuzeram o Rheno e conquistaram sobre os primeiros conquistadores a zona nordeste da Gallia. Foram estes mesmos Kimris, de estatura elevada, cabellos louros e mesmo ruivos, de indole vagabunda, de bravura estouvada, que serviram de typo á descripção dos antigos Gaulezes, porque foi a sua população irrequieta a que muitas vezes se arremessou contra a Italia, Grecia, Thracia e Asia Menor. Os Celtas, mais pacificos, entregues á agricultura, edificando cidades, ligados ao solo, só foram conhecidos muito tarde e sómente quando os Romanos penetraram no seu paiz. » ² Tal é o ponto de vista da successão das raças no Occidente da Europa, segundo Paul Broca; ainda que fosse uma simples theoria, bastava ser apresentada por um anthropologista tão eminente, para exercer uma acção coordenadora na serie immensa de factos desconnexos que se acham nos geographos antigos quando tratam da Peninsula; porém esses factos assim coordenados recebem uma luz tão nova, que a theoria torna-se uma synthese scientifica com mais uma comprovação particular.

A persistencia do typo ethnico *iberico* não se deve explicar nos povos que constituem as nações da Peninsula pelos phenomenos de *recorrencia* unicamente; é importante esse facto anthropologico, em que a maior parte das raças que invadiram a peninsula traziam em si elementos turanianos, nas modificações *scythicas*, *aquitánicas* e *maurescas* ou *berberes*; porém, é de uma não menor importancia o facto ethnico que coadjuvava a persistencia do

¹ *Memoires d'Anthropologie*, t. 1, p. 292.

typo iberico. Apesar do seu isolamento de classe, todas as aristocracias e familias privilegiadas tendem a extinguir-se; a aristocracia romana desapareceu e com ella o imperio, da mesma fórma a aristocracia germanica ou feudal que já se achava extinta no seculo xvi. O proletario moderno desenvolveu-se á medida que o seu numero pôde exigir e impôr novas condições de vida; o proletariado sahio na sua maior parte dos trabalhadores adstrictos á terra, d'aquelles que não podiam fazer cruzamentos de sangue com classes superiores, d'aquelles que, acabado o regimen militar das transplantações, faziam parte da propriedade territorial, e como filhos da terra fundaram o seu direito na garantia local, e a sua força na *visinhança*, confederação dos *Vici* ou povoações de colonos agricolas. Portanto quando esta classe figurou na historia manifestou as qualidades ethnicas de raça primitiva, nas suas tradições, nos seus cantos e nas supertições e costumes vulgares, do mesmo modo que apresentou menos modificações no typo antropologico. Paul Broca, na sua lucida Memoria sobre a *Ethnologia da França*, chega a esta conclusão: «a classe dos aldeãos é aquella que, desde que a França se constituiu em nação, soffreu menos mudanças ethnologicas, e é quasi que exclusivamente n'esta classe, que se pôde achar hoje os representantes das antigas raças gallo-romanas.»¹ Este facto torna-se quasi que uma lei antropologica; Strabão descreve o caracter de isolamento das povoações ibericas e celtibericas; esse isolamento conservava-se até nas cidades duplas por um muro divisorio, conservou-se no *vicus* romano, no *burgo* germanico, na *aldeia* arabe, e ainda no *foral* ou *concelho* neo-gothico. Além d'estes factos incontestaveis, temos como isoladores dos povos peninsulares do contacto das outras raças da Europa os Pyreneos e o Atlantico, pelo menos até á época das grandes navegações do seculo xv. A persistencia do typo iberico no onomastico local apparece tambem como um resultado da persistencia antropologica e ethnica, subretudo no que se chama o grosso da população.

Quando os Romanos entraram na Peninsula sob o commando de Scipião, aqui encontraram, segundo a phrase de Varrão, *cinco povos*. Estes cinco povos com existencia historica sao pela sua ordem, *Iberos*, *Celtiberos*, *Phenicios*, *Gregos* e *Carthaginezes*. Todos estes povos eram extranhos á peninsula, vindo apenas exploral-a commercialmente, como os phenicios e gregos, ou occupal-a por causa das suas riquezas mineraes, como o *ibero*.

O nome de *Ibero* foi dado pelos gregos aos povos mais antigos

¹ *Memoires d'Anthropologie*, t. 1, p. 291.

da península; a significação d'este nome tem sido considerada como geographica, mas a necessidade de tornar extensivo o seu sentido leva-nos também a procurar o seu valor ethnico. Na acceção geographica, o Ibero é o que habita na região cortada pelo rio *Ebro*, e portanto o territorio da Iberia era a região nordeste da Hespanha; outros escriptores antigos, como Herodoro de Heracléa, no iv seculo antes da éra vulgar, Scylax, Avienus, Scymnus de Chio, Thucydides e Philisto de Syracusa, dão á designação de *Iberia* um sentido extensivo, collocando junto do Rhodano o limite occidental dos Iberos. Como diz Jubainville: «A *Iberia* era para elles um grande paiz comprehendendo a Hespanha inteira e uma parte da Gallia.»¹ Por aqui se vê que a designação geographica precisa de ser alargada pelo sentido ethnico. O facto de estacionar junto do Ebro não é uma característica, mas o porquê d'essa designação já nos pôde revelar alguma cousa da raça que ali se estabeleceria. M. de Rougemont, conhecendo a tendencia metallurgica das tribus turanianas, considera o nome de *Abar*, dado ao estanho entre varios povos semiticos, como tendo relação toponymica com a Iberia do Caucaso. Lenormant nota que a palavra *Abar* «não tem etymologia bem natural nas linguas semiticas»² e portanto que se não deve rejeitar sem exame essa hypothese. Os gregos, que conheceram uma designação do estanho commum aos povos áricos e semitas, e portanto recebida de uma raça diversa, (gr. *kassiteros*; sansk. *kastira*; assyr. *kasazatirra*; arab. *gazdir*; dial. afr. *kesdir*) chamavam á Gram-Bretanha, explorada pela raça iberica, pelo nome de Kassiterides. Para um povo que explorava os jazigos de estanho, *aber*, e que o fornecia a todos os povos do mundo, o nome de *Ibero* era um nome com um sentido ethnico profundo; portanto o nome de *Ebro* podia ser dado por esse povo ao rio, junto do qual habitavam, e ir-se estendendo por ampliação ethnica pelos gregos até ás margens do Rhodano onde havia povoações d'essa raça.

O Ibero da Peninsula é commum também ás ilhas britannicas, que os phenicios exploraram pela riqueza das suas minas de estanho; e tanto na peninsula hispanica como na italica, e nas ilhas britannicas soffreram um cruzamento pela cohabitacão com os invasores celticos. A ethnologia da Inglaterra nos ajuda bastante a fixar a ethnologia peninsular; diz Jubainville: «As ilhas Scilly, na extremidade sudoeste da Gram-Bretanha, têm sido até ao presente geralmente consideradas como identicas a estas ilhas occidentaes — a

¹ *Les premiers Habitants de l'Europe*, p. 20.

² *Les premières Civilisations*, 1, p. 150, nota.

patria do estanho — que uma tradição colligida no fim do seculo I depois da nossa éra por Denys o Periegeta, nos apresenta como — habitadas pela rica nação dos nobres Iberos. — Porém, as ilhas do estanho, as Cassiterides, como lhes chamavam os gregos na sua linguagem, não são outra cousa senão as Ilhas Britanicas. Cassiteride, em grego, estanho, é o mais antigo nome d'estas ilhas na lingua grega.»¹ Este sentido ethnico revelando-nos um povo metallurgico, que ainda não conhecia o ferro, demonstra tambem que a *Iberia* da Asia não é uma designação casual, como quer Jubainville.

Maspero considerando os Bascos actuaes como representantes dos antigos Iberos da Europa, decide-se pela affirmação de que os Iberos são *turanianos*,² justamente pela característica ethnica da metallurgia. O nome de *Turan* é restricto, e segundo Bergmann, dado por desprezo pelos Persas aos anaryas, aos que não comprehendiam os dogmas iranianos: (*Turan*, de fóra de *Iran*) paiz dos barbaros e dos malvados.³ A um ramo scythico da Asia é que foi dado o nome de *Turan*, e por isso os linguistas não têm querido acceitar este nome para designar os povos uralo-altaicos; portanto, procurando uma característica antropologica definiriamos o *Ibero* como pertencente ao ramo allophylo do tronco branco, (Prichard), de craneo brachycephalo, vindo com outros grupos finnicos e caucasicos dos planaltos da Asia central para a Europa. A distincção dos turanianos na Asia anterior em habitantes das montanhas (*Accads*) e habitantes dos valles (*Sumirs*) acha-se tambem entre os Iberos da Asia, como observou Strabão; os dos valles pareciam-se com os Armenios e Medas no seu modo de viver, e os das montanhas pareciam-se mais com os Scythas, seus visinhos, com quem tinham uma origem commum.⁴ Da preponderancia do elemento turaniano entre os Scythas, considerados iranianos, temos a prova nos vestigios de sepulturas scythicas da Russia, e Maury conclue que os elementos inferiores da população eram turanianos.⁵ Bergmann, considerando tambem os scythas como indo-europeus, reconhece que os gregos comprehenderam sob este nome povos que o não eram;⁶ o elemento scythico que dá origem aos scandinavos e germanos, dá-lhes logo na sua constituição primitiva uma grande

¹ Jubainville, *op. cit.*, p. 31.

² *Hist. anc. de l'Orient*, p. 135.

³ *Les Scythes*, p. 2 e 7. Adiante exporemos uma origem que nos parece mais verdadeira.

⁴ Jubainville, *op. cit.*, p. 304.

⁵ *Ibid.*, p. 293.

⁶ *Les Scythes*, p. iv.

parte de sangue turaniano. «Nas linguas scandinavas, diz Bergmann, a palavra *Sami* conserva excepcionalmente a antiga significação de Oceano, como por exemplo em *Sams-ey* (ilha do Oceano), *Sam-land* (paiz marítimo); cf. *Samo-Getia*, a Getia marítima, e *Samo-thrake*, a Thracia marítima.»¹ O paiz de *Suomi* é o berço das raças finnicas, como descobriu Castrén, raças a que pertence o ramo iberico.

Na vinda d'este ramo allophylo do tronco branco para a Europa, uma parte entrou pelo norte da Europa, como nos descobrem estes factos supracitados, como os finlandezes, esthonianos; outra veiu através da Africa, (opinião de Leibnitz) como se vê pelo typo *berbere*, e pelos vestigios de euskariano na Africa e no Egypto, e além d'isso por uma certa dolichocephalia que denota fusão com grupos africanos de raça branca.² «Os Iberos, da raça de Cham, invadiram a Europa occidental pela Asia Menor e foram encontrados depois pelos Celtas Arianos, que acabaram de se misturar com elles.»³ Analyseemos esta dupla convergencia.

Duas designações se encontram entre os povos peninsulares anteriores aos Celtas: a primeira é dada pelos gregos, na fórma de *Iberos*, e a segunda é adoptada pelos proprios povos primitivos, que se chamavam *Euskes*, e *Vaskes*. Diz Guilherme de Humboldt, nas suas *Investigações sobre os habitantes primitivos de Hespanha*: «Ignora-se se ha alguma relação entre o nome *Ibero* e os nomes *Euskes* e *Vaskes*. O que não é demonstrado é que os povos ibericos se qualificassem com esse nome de *Iberos*; é muito mais provavel que em uma época remotissima o nome de uma das suas tribus fosse considerado pelos estrangeiros como o do povo inteiro.»⁴ De facto os nomes que os bascos ainda hoje adoptam *eskua-ra* e *eskaldunac*, revelam um radical primitivo, que Chaho traduz por *aska* mão, e Humboldt por um outro não menos phantásico; antes porém de etymologias importa vêr a extensão d'este radical, e essa mesma extensão revelará o seu valor ethnico. *Esc* encontra-se como radical mais ou menos assimilado nos seguintes nomes de cidades e povoações: *Brescia*, *Tuscus*, *Gasconha*, *Vascenes*, *Escosia*, *Vesci*, *Vescitani*, *Oscas*, *Heosca*, *Itosca*, *Menosca*, *Virovesca*, *Auscii*, *Osquidates*, *Squillace*, *Scilly*, *Sculeticos*, *Biscaya*, *Aiscerris*, *Asseconia*, *Esquillinum*, *Nescania*, *Muscaria*, *Isca*, *Luskinus*, *Escadia*, *Escua*, *Bascontum*, *Volsquos*. Do valor extensivo d'este radical

¹ *Les Scythes*, pag. 52.

² *Bulletin de la Societé de Geographie*, (avril, 1876) p. 428 e seg.

³ Ufvalvi, *Migrations des Peuples*, p. 124.

⁴ *Op. cit.*, trad. Marrast, p. 56.

Esk, diz Guilherme de Humboldt, que o nome de *Osca* deve referir-se a todos os povos ibéricos, por isso que a immensa quantidade de *argentum oscense* mandado para Roma, não se cunhava na pequena cidade de *Osca*, e segundo o padre Florez, significava essa phrase todo o dinheiro colhido no territorio da Hespanha.¹ O radical *Esk* revela-nos portanto uma designação ethnica bem caracteristica; o escudo era a arma distinctiva dos povos scythicos, em geral, e segundo Cesar, o grande e o pequeno escudo eram peculiares ao ibero da peninsula hispanica. Era vulgar entre os povos antigos chamarem-se a si mesmo pelo nome das armas que usavam, como os *Quirites*, os romanos, (de *quir* a lança) os *Frankos* (de *frankisk*, ou machada), os *Herulos*, (pequenas espadas) os *Lombardos*, (longas hallabardas) os *Saxões* (os punhaes); os *Scythas*, a cujo ramo pertencem os Gaulezes, chamavam-se a si mesmo *Skutai* (escudo; no lith. *skyda*, velho slav. *schtchyt*; all. *schutz*, etc.)² Pela caracteristica do escudo é que se distinguiam os varios ramos ibéricos na Peninsula. Diz Humboldt no seu estudo, e seguindo Cesar: «Os Celtiberos eram mais temiveis no ataque e mais seguros nas batalhas ordenadas. Haviam conservado o longo escudo gaulez; os Lusitanos tinham um escudo menos longo com que se cobriam rapidamente por todos os lados. Os Celtiberos, mais dados á aggressão, eram bem providos de armas defensivas. A armadura dos Lusitanos era commum a toda a Hespanha citerior, a dos Celtiberos á Hespanha ulterior (*scutatæ citerioris provinciæ et cetratæ ulterioris Hispaniæ cohortes*. Ces., *De Bello civili*, I, 39). Comtudo as duas armaduras, a pesada e a leve, eram egualmente empregadas nas guerras de alguma importancia. Havia pequenos escudos e *milites cetrati* entre os Celtiberos e os Carpetanos, e geralmente na Hespanha citerior. (Ces., *De Bello civ.*, I, 48). Só não descubro em parte alguma que os Lusitanos adoptassem o escudo largo e pesado.»³ Este facto accusa uma profunda differenciação ethnica, que vem a prevalecer através dos seculos na separação entre Portugal e Hespanha. Humboldt, notando a differença nas armas, observou tambem a mesma differença na toponymia: «A Lusitania, vista a sua extensão, apresenta poucos nomes *bascos*. Isto se explica pelo facto de ser mais predominante n'esta provincia a terminação *briga* na fórma dos nomes das grandes cidades, que unicamente apparecem citadas pelos geographos e pelos historiadores.»⁴ E mais adiante

¹ *Recherches*, p. 54.

² Bergmann, *Les Scythes*, p. 41.

³ G. Humboldt, *Recherches*, p. 133. (Trad. Marrast).

⁴ *Ibid.*, p. 113.

acrescenta: « Plínio nos descobre que a maior parte dos nomes celticos se acham na Lusitania... »¹

Assim como o radical *Esk* nos descobre a origem scythica de um ramo iberico da peninsula, assim tambem o radical *Briga*, *brig*, e *bri*, *brum*, nos conduzirá á determinação do ramo iberico, que entrou na peninsula pelo sul. O Ibero distinguia-se pelo seu conhecimento da industria metallurgica, e se nos lembrarmos da relação toponymica proposta por M. de Rougemont entre a palavra *Abar*, que significa chumbo nas linguas semiticas, e o nome de *Iberia*, que Lenormant considera como devendo ser verificada, veremos que o proprio Guilherme de Humboldt presentiu a importancia d'esta caracteristica onomastica. Accumulando a lista dos nomes topicos terminados em *Briga* entre as povoações celticas e ibericas, diz Humboldt, que os *Medubricens* eram denominados por Plínio *plumbarii*, evidentemente por causa das suas minas de chumbo; e acrescenta este facto para uma comparação importante: « *Beruna*, significa chumbo, em basco. »² A palavra semitica *Abar*, que significa estanho, já tem pois um termo de comparação, d'onde se poderá inferir a pura origem. O emprego da fórma *briga* torna-se uma delimitação ethnica, e Humboldt, traça essa linha: « Para bem conhecer os povos onde estes nomes existem, e determinar o seu dominio, basta traçar uma linha que parta da costa norte do Oceano, para as fronteiras dos Autrigones, collocadas a léste, elevando-se ao sul de maneira a deixar ao oeste os Carystes e os Vardulos, até que atinja as fronteiras dos Vascones e dos Celtiberos, depois a dos Oretanos, e siga finalmente o Boetis até ao mar. Tudo quanto esta linha, correndo através da Hespanha, deixa ao norte e a léste, constitue o dominio dos nomes terminados em *briga*, que não se encontram nunca ao sul e a oeste, para os Pyreneos e Mediterraneo. Esta ultima porção da peninsula não apresenta população alguma celtica ou celtiberica. Comprehende ao contrario a Biscaya, sua costa desde Bilbáo, a Navarra inteira, a maior parte das provincias onde se falla hoje a lingua basca e toda a costa do Mediterraneo. No dominio dos nomes em *briga*, figuram ao contrario os Cantabros, os habitantes da costa do oceano até ao Betis, todas as tribus celticas e celtibericas e as povoações do interior para o oeste. Esta região fórma a maior parte da Hespanha... A divisão da Peninsula em duas partes tão nitidamente cortadas, separada de um lado pelo *Iberus* e o *Betis* e do outra pela cadeia de montanhas *Ibubeda*, é tão notavel, que se não comprehende, que

¹ *Recherches*, p. 124.

² *Ibid.*, p. 75.

ella não haja até aqui attrahido a attenção de alguém.»¹ E mais adiante accrescenta: « Os nomes que tem por iniciaes ou finaes *bri*, *brig*, *brum*, *bret*, *britium* não se encontram senão nas provincias em que predominava o seu parente *briga*.»² O problema tão lucidamente proposto por G. Humboldt entre os dois elementos ethnicos, *Euskes* e *Iberos*, não podia ser explicado no seu tempo, porque ainda prevalecia na sciencia a confusão vulgarisada pelos romanos entre os celtas com os gaulezes, que eram um ramo scythico. A persistencia do nome *briga*, na Gallia, na Bretanha, nas regiões do sul do Danubio e até na Thracia, revelam-nos a corrente que trouxe da Asia para a Europa pelo Mediterraneo e pela Africa, esse primitivo elemento *iberico*. O *Berber* ainda conserva a côr branca, cabello ruivo e olhos azues da passagem d'esse ramo allophyliano do tronco branco através da Africa; e segundo a lei de Humboldt, achada na persistencia das consoantes, o grupo *BR* conserva-se em um grande dominio geographico que denota a migração primitiva, como em *Hibernia*, *Cumberland*, *Cambria*, *Britania*, *Ibericum* mare, *Berber*, *Bretanha*, *Cimbre*, *Celtiberia*, *Breguez*, *Brenner*, *Umbria*, *Calabria*, na Georgia. Guilherme de Humboldt accumula muitos outros nomes topicos em que entra este radical, mas a preocupação infundada de uma etymologia celtica não o deixa tirar a demonstração da verdade que presentia determinando a existencia de dois ramos ibericos, um, que entrou na peninsula pelo sul, era dado aos trabalhos da exploração das minas de chumbo, e n'esse interesse chegou até ás ilhas Cassiterides, (ilhas Británicas) e o outro que desceu do norte, separado do seu tronco scythico, e dado ás invasões guerreiras, e os que mais vieram a resistir como mercenarios e aventureiros contra os Romanos. Esta divisão conserva-se nos dous nomes de *Ibero* e *Euske*, que por si indicam a primitiva distribuição geographica, e ainda hoje a differenciação das nacionalidades da peninsula.

A raça *iberica* não pôde ser bem conhecida sem se estabelecer a relação ethnica com o typo *berber* da Africa; os antropologistas modernos são concordes em considerar este typo berber como o elemento primitivo das populações do sul da Europa; diz Topinard ácerca da sua extensão: «Chegava até ás Canarias sob o nome de Guanchos; ha mesmo fortes presumpções que se estendesse até á Europa meridional e que o *fundo commum* o mais antigo da *peninsula iberica*, da *bacia do Garonna* e das ilhas do

¹ *Recherches*, p. 80.

² *Ibid.*, p. 77.

Mediterraneo é berber.»¹ Prichard, na *Historia natural do homem*, apresenta uma característica do berber, que o relaciona intimamente com o ibero: «A agricultura não é a sua unica industria; occupa-se tambem com vantagem da exploração das minas que as suas montanhas encerram, e d'ellas tiram o chumbo, o ferro e o cobre.»² Esta aptidão metallurgica concorda com a sua designação ethnica. Antes, porém, de investigarmos a sua proveniencia, apresentaremos uma analogia historica entre a resistencia do *ibero* na Europa e do *berber* na Africa, diante das mesmas invasões. O *berber* resiste á invasão dos Phenicios, dos Gregos, dos Romanos, dos Wandalos, dos Byzantinos, dos Arabes, dos Judeus e dos Turcos, acantonando-se com o Atlas; o *ibero* resiste a pressões ainda mais fortes, ajuntando ás já citadas os Ligures, os Celtas e os Wisigodos, fortalecendo-se com os Pyreneos. O estudo do typo *berber* torna-se indispensavel para uma verdadeira ethnologia da Peninsula, por isso que elle vem a influir em phenomenos de recorrencia ethnica pela occasião da invasão dos Arabes. Hoje que se conhece que o Mouro é o producto do cruzamento do typo *berber* com o Arabe,³ e que os Arabes da Hespanha eram considerados na designação usual como Mouros, já se podem deduzir grandes consequencias d'esta circumstancia não observada. Este facto explica como é que se deu na Peninsula uma tão facil conquista arabe acceita pela população inferior, como se desenvolveu o typo mosarabe, e como é que o arabe tendo accitado a civilisação turaniana, veio provocar no meio-dia da Europa uma revivescencia do lyrismo tradicional, que primeiro irradiou da Provença.

O nome de Lybios dado pelos gregos á raça dos *berbers* não era conhecido por essa mesma raça, e o seu nome nacional e particular era corrompido pelos gregos no de *Barbaros*, que prevaleceu durante toda a idade-média da Europa, com o sentido com que foi applicado ás raças germanicas, pelos romanos. Ebn Khaldun, que historiou os *berbers*, cita a personificação *Beramis*, (*berun*, no basco significa chumbo) povos descendentes de *Ber*, o qual Duprat considera como radical do nome *Berber*.⁴ A separação dos Lybios dos Berberes foi proveniente de um erro dos geographos e historiadores antigos; como os Lebahim (Lybios) que vieram da Asia, os

¹ *Anthropologie*, p. 486.

² *Hist. nat. de l'Homme*, I, 356.

³ «Os Mouros são os fructos de cruzamentos complexos dos *Berberes* com todas as sortes de elementos ethnicos, nos quaes prepondera o Arabe.» Topinard, *Anthropologie*, p. 488.

⁴ *Races anciennes et modernes de l'Afrique septentrionale*, p. 64.

Berberes tambem apresentam o seu nome nacional nos documentos orientaes. No Ramayana, são esmagados sob os mesmos golpes os Javanas, os Tambodschas e os *Warwaras*; e no Hitopadessa figura um *Barbar*.¹ O seu contacto com a civilização indiana e egypcia é que motiva estes dois nomes; ainda hoje uma raça nubiana do Nilo é chamada *Barabras*,² e uma grande parte das tribus berberes conservam como nome nacional a designação de *Amarig* (*Machlyes* de Herodoto, *Mazikes* de Ptolomeu, *Amazig*, na velha lingua lybica) que significa homem livre,³ e que se pôde bem aproximar do nome *Iberico*, e mesmo de *Mourosioi* (Mouros). Os berberes, ou propriamente os lybios, eram divididos por Herodoto em duas classes, os de léste e os de oéste, os primeiros nomadas, e os segundos ligados ao trabalho da terra, mas ambos entregues á vida pastoral, diferenciando-se nos seus habitos pela adaptação geographica; os de léste era nomadas por causa das grandes planicies escalvadas, os de oéste eram sedentarios por causa das cordilheiras de montanhas; Sallustio e Procopio citam a raça lybica pela sua belleza, pela austeridade de costumes, frugalidade, taes como se encontram ainda no basco actual.⁴ Segundo Alfredo Maury, algumas linguas da Africa central como o Fellata, o Woloff e o Kanari, apresentam certas parecenças grammaticaes com o basco,⁵ e este mesmo escriptor considera a legendaria Atlantida como propriamente a região do Atlas, a parte noroéste da Africa comprehendendo tambem as ilhas do Atlantico nas costas d'esta região. Os *Iberos* da peninsula eram considerados como restos de uma antiga invasão dos povos da phantastica Atlantida,⁶ mas pela sensata interpretação de Alfredo Maury se vê que eram simplesmente *Berberes*. Os Atlantes, segundo Denis de Halicarnasso, chamaram-se assim da montanha junto da qual habitavam, e isto basta para corrigir o valor dos Atlantes legendarios de Platão; o nome de *Daran*, é a designação berber do monte Atlas, na vertente do qual se desenvolveu esta raça, como observaram Strabão e Plinio. O nome de *Turan* considerado como designando uma região da Africa privativa da raça branca a que se dá o nome de *Turaniana*, só pôde ser admittido como uma simples modificação de *Dwana*, o

¹ Duprat, *op. cit.*, p. 70, nota.

² Prichard, *Hist. nat. de l'Homme*, I, 368.

³ Duprat, *op. cit.*, p. 83.

⁴ *Ibid.*, p. 83.

⁵ D'Arbois de Jubainville, *Les premiers Habitants*, p. 273.

⁶ Opinião ainda hoje sustentada por Jubainville.

monte Atlas. O nome de *Turan* dado pelos persas ¹ ao ramo scythico dos Sakes, deve tambem referir-se aos povos dos montes *Tauros*, e este mesmo nome se conservou entre um povo scythico, os Tauros da Criméa. O exame das designações ethnicas do berber leva a corrigir as phantasias da tradição dos Atlantes, e ao mesmo tempo, pela sua origem asiatica, a accentuar o valor ethnico de uma preciosa designação injustamente desacreditada pelos linguistas, como é a da raça *turaniana*; os berberes do Daran differenciam-se dos berberes das planicies, da mesma sorte que os turanianos da Asia anterior em *acads* e *sumirs*, as divisões typicas ou organicas d'esta grande raça que tambem na Europa preparou os caminhos para as civilisações árica e semitica.

(Continúa).

THEOPHILO BRAGA.

¹ Lê-se no Hymno XLVI do *Yaçna*, est. 12: « Quando depois da derrota do Friamsa, o *Târa*, se estabeleceram os bons costumes entre as tribus e os seus alliados, tu cercaste de tapumes os campos de Armaiti... » É esta a primeira menção do nome dos inimigos do Iran.

² *Les Gètes*, p. 51.

O THEATRO MODERNO EM PORTUGAL

(O GRANDE HOMEM, comedia em 4 actos, por *Teixeira de Queiroz* — Lisboa, 1881 — e O CASAMENTO CIVIL, comedia-drama em 4 actos, por *Cypriano Jardim* — Lisboa, 1882).

Le théâtre, par ses conditions d'existence, devait être la dernière conquête, la plus laborieuse et la plus disputée de l'esprit de vérité.

EMILE ZOLA — *Le Roman expérimental*, pag. 145.

(Continuado da pag. 27)

O Romantismo restaurou o nosso theatro. Cabe esta gloria a Garrett, que durante a emigração assistiu de perto á profunda transformação por que estavam passando as litteraturas europeas. Nos primeiros annos da sua vida litteraria seguiu a corrente predominante no paiz, escrevendo tragedias, como o *Catão* e *Merope*; mas ao voltar á patria com o exercito libertador trazia um novo ideal e as suas aspirações artisticas achavam-se influenciadas pelo movimento romantico. Almeida Garrett, genio brilhante e extraordinario, imprimiu esta direcção á litteratura portugueza; depois de ter levantado o lyrismo nacional e dado ao romance historico a sua verdadeira fôrma, voltou as suas vistas para o theatro, onde fez uma nova revolução com o *Frei Luiz de Sousa*, a sua obra prima, com a *Sobrinha do Marquez*, o *Auto de Gil Vicente*, a *Philippa de Vilhena* e o *Alfageme de Santarem*. Mas, quem continuou os esforços de Garrett?

Este genio não deixou successores. A immensa avalanche de dramaturgos, que surgiu ao lado do mestre e que cresceu nas gerações successivas, era composta de nullidades e de impotentes, que arrastaram o theatro portuguez ao ultimo grau de decadencia. Herculano e o proprio Garrett notaram com tristeza a degeneração do movimento. O theatro ficou um aborto monstruoso e desconfor-

*

me; as mediocridades enfatuadas e insolentes cobriram-se de corôas e de palmas, falsos ouropeis de gloria, proprios do palco que lhes servia de Capitolio; o talento, o merito real, desapareceu n'este tripudiar infrene das insignificancias glorificadas. Ao drama romantico succedeu o dramalhão insulso, massador, estupidificante, um mundo inteiro de cartão e de colla, tendo por personagens bonifrates movidos por cordeis e feitos de uma só peça, que declamavam grandes phrases rhetoricas de um sentimentalismo piegas, baixo, ridiculo. A evolução do romantismo francez foi transplantada para Portugal, onde tomou uma feição ainda mais falsa e mais mediocre, desnorteando o bom gosto e o bom senso das plateias. O snr. Mendes Leal, Ernesto Biéster e tantos outros de egual valor foram os agentes d'esta profunda e lamentavel decadencia. Nos ultimos annos o theatro portuguez tem vivido quasi exclusivamente de plagios, de imitações, de traducções banaes e futeis.

Não haverá por'ora symptommas de regeneração? Ha, de facto, alguns. Não mencionaremos senão os principaes. O snr. Pinheiro Chagas, sem romper inteiramente com os processos ultra-romanticos, levantou-se, no entanto, acima da maioria dos dramaturgos pelo seu talento e pelo seu ideal artistico, como se constata na *Morgadinha de Valflor* e no *Drama do Povo*; porém, os vicios de uma educação essencialmente rhetorica e sentimentalista manifestam-se a cada passo nos seus dramas; a linguagem, os sentimentos, os personagens, as situações, tudo é convencional, tudo é filho da imaginação pura; a realidade não tem ahi que vêr. O snr. Antonio Ennes afasta-se mais do mundo phantastico; segue Dumas na preocupação das theses sociaes e nos lances de effeito; tem por vezes personagens que se aproximam da verdade e scenas felizes tiradas da vida real, mas a linguagem quasi sempre uniforme e requintada, cheia de imagens, de figuras e de rendas de estylo, dá aos seus dramas um character falso como se observa nos *Lazaristas*, nos *Engeitados* e no *Saltimbanco*. De todos os seus trabalhos dramaticos o que nos pareceu menos rhetorico e que assenta talvez n'uma observação mais verdadeira, foi o que o publico recebeu com alguns signaes de desagrado — a *Eugenia Milton*.

É tempo de entrarmos na analyse das duas comedias a que nos temos referido.

O *Grande Homem*, tendo por author o snr. Teixeira de Queiroz, deveria ser uma comedia naturalista. Todos conhecem o pseudonymo de Bento Moreno, com que o illustre escriptor firmou os seus primeiros trabalhos litterarios, contos simples, notas rapidas,

onde a cada phrase transparece o verdadeiro espirito de observação e de exame. O analysta da *Comedia do Campo* revelou-se nos *Noivos* um romancista moderno, esmerado e consciante. Conhecedor dos novos processos artisticos, disciplinado por uma sã philosophia, tendo um curso de sciencias naturaes, Teixeira de Queiroz possui os elementos fundamentaes para tentar o renascimento do nosso theatro, como já contribuiu para a introducção do romance naturalista entre nós. O apparecimento de uma comedia sua fez-nos conceber esperanças de vêr o naturalismo francamente implantado no palco nacional; o nome do author era para nós uma garantia. Corremos, portanto, apressurado á primeira representação. Entrámos no theatro, assistimos aos quatro actos do *Grande Homem*, applaudimos mesmo o novel dramaturgo, mas á sahida traziamos mais uma desillusão. A comedia não correspondia ao que tinhamos o direito de esperar do author. Se a peça não tinha, e ainda bem que não, « bastantes unturas de Dumas, de Sardou, de Scribe e de Labiche » como affirmaram os criticos, tambem não era o naturalismo posto no theatro, como Teixeira de Queiroz o mostrava comprehender na execução dos seus romances. O romancista moderno sacrificava no palco a observação rigorosa da verdade á imaginação, ao espirito mordaz, á satyra dos costumes. Não respeitára as convenções theatraes, — era este o principal merito da sua comedia; mas tambem não respeitára a precisão dos factos — e era este o maior defeito do *Grande Homem*.

No entanto, o author cré ter feito um trabalho naturalista, considera-o mesmo « um capitulo da *Comedia Burgueza*, iniciada com o romance *Os Noivos* ». Não sabemos como explicar semelhante aberração. Mas seria possivel que o erro fosse nosso e que a razão estivesse do lado do dramaturgo. É o que vamos vêr pela analyse da comedia.

Antes de tudo, tracemos o assumpto em poucas linhas. O conselheiro Mauricio Pontino é um pobre monomaniaco que se julga politico habil, estadista eminente e chefe de partido, sendo explorado por um jornalista e adulado por varios pretendentes. Seu irmão Guilherme e as familias de ambos procuram dissuadir-o das suas estultas ambições, chegando algumas vezes a escarnecer da sua vangloria, mas elle é inabalavel; sacrifica tudo á ideia de obter uma pasta de ministro, a ponto de querer obrigar Clara, sua filha, a desposar um velho, juiz do supremo tribunal de justiça e titular. Este, o visconde da Carregueira, é um ridiculo D. Juan, sempre prompto a apaixonar-se por qualquer mulher, apesar da sua idade. Clara, naturalmente, resiste ás ordens de seu pai e vai para casa do tio Guilherme fazendo acreditar áquelle que fugiu. Mauricio, imaginando um rapto, corre á policia, mas no caminho esquece-se

da filha, conversando sobre politica e sonhando com a presidencia de uma futura republica. Nem a ideia do suicidio vence a sua monomania; a noticia de uma queda ministerial é mais forte do que os laços de sangue; e quando lhe apresentam um rapaz distincto, um engenheiro, como sendo o salvador de sua filha, agradece-lhe dizendo que não foi sua filha que elle salvou, mas sim a viscondessa da Carregueira. É preciso que a familia prepare um lance para levar o baboso visconde a fazer uma declaração de amor á esposa de Mauricio, para então desistir do projectado casamento. O ministerio cahiu, o conselheiro espera ser chamado ao paço; quando de repente recebe a decepção de vêr subir ao poder o visconde da Carregueira. Assim termina a comedia.

Como os leitores vêem o enredo é simples; não tem a complexidade predilecta dos dramaturgos contemporaneos. Accusaram o author por esta parcimonia da intriga; mas emquanto a nós, está n'isto a melhor qualidade da comedia do snr. Teixeira de Queiroz. Aproxima-se d'este modo, do que deve ser o theatro naturalista. O interesse do espectador não se liga, portanto, ás aventuras prodigiosas que se desenrolam em quatro ou cinco actos de qualquer drama applaudido, ao trama embaraçado e difficil que se assemelha a uma partida de xadrez, ás soluções emmaranhadas de um problema moral ou social, que sensibilisa as plateias; não, toda a attenção se prende aos personagens, ou melhor ao protagonista da comedia, ao conselheiro Mauricio Pontino, o *Grande Homem* por excellencia. Esta peça é, na verdade, a monographia de um character.

Mas, sob este ponto de vista, será o *Grande Homem* a representação verdadeira do que se passa na vida real? Será um trabalho naturalista? Os methodos artisticos modernos, a observação rigorosa dos factos, a analyse precisa dos phenomenos, seriam empregados na execução d'esta comedia tão completamente como o exige o naturalismo? Com inteira franqueza dizemos que não. Passamos a proval-o.

O que é um grande homem? Na sua accepção natural, o grande homem é todo aquelle que se afasta do vulgo, elevando-se pelo seu talento, por um esforço de vontade ou pela sciencia, de modo que dê um forte impulso á marcha da civilisação, augmenté os progressos humanos ou contribua para o maior esplendor intellectual da humanidade. São, por exemplo, grandes homens Comte, Fulton e Goëthe. Não é, porém, esta a sua significação mais commum. Por grande homem entende-se ordinariamente o estadista, o chefe de um partido politico que tem por algum tempo nas suas mãos os destinos de um paiz, muito embora seja um mediocre, um insignificante. Saiba elle equilibrar-se no poder, illudir com palliativos as necessidades mais urgentes, prometter com liberalidade e cumprir

com calculada moderação; e é logo proclamado aos quatro ventos politico insigne, eminente estadista, um grande homem emfim. Morny, Rouher e Ollivier durante o segundo imperio, em França, Thiers e Gambetta na terceira republica, Canovas del Castillo e Sagasta no paiz visinho, e entre nós o duque d'Avila e o snr. Fontes, são exemplos acabados do grande homem na politica. O grande homem tem raras vezes talento, uma intelligencia notavel ou um character firme; não passa, com frequencia, de um homem astuto, ardiloso, sagaz; e mesmo, a maior parte das vezes, é um charlatão, um pelotiqueiro habil, que deslumbra e engana o publico com o seu palavriado pomposo, com as suas cartas marcadas ou com a presteza de suas mãos. Porém, nunca foi nem pôde ser um pateta, um monomaniaco, que se deixa ludibriar e escarnecer como qualquer criança. Ora o conselheiro Mauricio Pontino está n'este caso.

O snr. Teixeira de Queiroz, dando ao grande homem o sentido pejorativo, o unico que elle pôde ter n'uma sociedade, como a nossa, chegada ao extremo da sua decadencia, pretendeu encarnar no protagonista da comedia a nullidade triumphante na politica portugueza. Mas não o conseguiu. Mauricio Pontino não tem a minima pareença com os nossos estadistas. O author poz de parte os processos naturalistas, não obrou como simples observador que constata os factos da existencia humana, não se baseou exclusivamente nos documentos fornecidos pelo methodo experimental. É este o defeito principal da sua comedia. No romance, Zola e Daudet, quando quizeram traçar o typo do grande homem, estudaram-no no seu meio, analysaram-no em todas as suas particularidades, não crearam um personagem da sua imaginação. Eugène Rougon e o duque de Mora são dois vultos completos que os famosos romancistas construíram com elementos reaes. O snr. Teixeira de Queiroz, que é um bom romancista moderno, devia tambem apresentar no seu *Grande Homem* um personagem vivo e verdadeiro que caracterisasse bem o politico portuguez.

Mauricio Pontino não o caracteriza; é um pobre pateta que provoca o riso da plateia pela sua ingenuidade lorpa e pela sua estulticia vangloriosa. Em palestra politica com o jornalista Cerveira e dois correligionarios condemna as doutrinas de Proudhon e confessa com demasiada singeleza que nunca o leu, mas que tem ouvido fallar d'elle no Gremio. Que a maioria dos nossos politicos não conheça os assumptos de que se occupa, que não tenha lido muitos livros e muitos authores que combate, podemos acreditar-o; mas cré o snr. Teixeira de Queiroz que algum dos taes grandes homens tenha a franqueza de o confessar? Se o author nos apresentasse Mauricio Pontino como um hallucinado, como um cerebro enfermo,

atacado de monomania politica, nada tinhamos a dizer; era um caso de pathologia encephalica transportado para a scena, como *le Malade imaginaire* de Molière. Mas, como o typo genuino dos estadistas portuguezes, não o podemos aceitar.

Os outros personagens da comedia estão longe igualmente de serem filhos legitimos da observação, por exemplo o jornalista Alberto da Cerveira e o padre Theodosio, os quaes pouco se assemelham aos escriptores publicos e aos ecclesiasticos que vivem entre nós das tricas politicas. O visconde da Carregueira está esboçado com mais realidade; Guilherme Pontino, as senhoras que figuram na comedia e Sebastião de Figueiredo têm tambem alguns traços felizes de observação.

Na linguagem, o *Grande Homem* representa um sério progresso sobre os dramas e as comedias dos escriptores contemporaneos. O snr. Teixeira de Queiroz poz de parte a rhetorica e emprestou aos seus personagens um dialogo simples e natural, proprio do meio em que se movem. Os applausos, que o publico lhe dispensou, provam que não é indispensavel no theatro a lingua convencional, cheia de imagens e de flôres, introduzida pelos romanticos. A phrase corrente e facil, traducção fiel dos pensamentos, accommodada ao caracter e ás qualidades essenciaes de cada personagem, deve ser a linguagem usada no palco pelos dramaturgos modernos. Esta é uma das principaes condições da evolução naturalista. O estylo requintado dos romanticos tem de ceder o passo á linguagem rude e singela do povo. O snr. Teixeira de Queiroz vai n'esta direcção e ainda bem.

Pena é que o *Grande Homem*, estudado na sua unidade artistica, não esteja á altura do romance *Os Noivos*, nem sequer da serie de contos que formam a *Comedia do Campo*. O naturalismo ainda não entrou no theatro. A primeira tentativa feita em Portugal fallhou. O author, porém, não deve desanimar. O litterato moderno, o dissidente em arte, tem de ser um luctador, tem de trabalhar muito, de fazer esforços sobre esforços para dar o triumpho a uma ideia. O snr. Teixeira de Queiroz está n'este caso. Se quer implantar o naturalismo no theatro, como contribuiu para o propagar no romance, faça uma segunda tentativa, uma terceira e mais, até encontrar a verdadeira fôrma e até a impôr ás nossas plateias pela superioridade da sua concepção. São estes os nossos votos.

O Casamento civil do snr. Cypriano Jardim filia-se no genero de obras de propaganda anti-clerical, que se desenvolveu entre nós

desde o apparecimento dos *Lazaristas* do snr. Antonio Ennes. Sob este ponto de vista, essencialmente critico e dissolvente, os quatro actos do *Casamento civil* merecem os applausos de todos quantos desejam apressar o esphacelamento do catholicismo para se entrar de vez na época positiva. Mas, como se collige do titulo, o author teve em mente uma ideia reorganisadora. Comte formulou n'um dos seus escriptos o pensamento salutar, que nada se deve destruir sem se substituir por outra cousa nova. O snr. Cypriano Jardim, adoptando este principio, quiz oppôr ás instituições, que combatia, outras mais apropriadas ao desenvolvimento intellectual das sociedades modernas. D'ahi nasceu a ideia de uma these. Dumas filho tem a preocupação da these, do problema, cujas soluções formam os enredos dos seus dramas; foi de certo d'elle que o dramaturgo portuguez recebeu esse principio, e não directamente do positivismo.

O snr. Cypriano Jardim não é um escriptor naturalista, tambem não é um romantico convicto; não pertence a alguma escola, nem advoga qualquer doutrina; visa somente ao successo. É elle quem o confessa no seu prologo. Assim não podemos ser muito exigente, não o podemos censurar por não ter escripto um trabalho naturalista. Limitar-nos-hemos a constatar se apresenta ou não symptomas da moderna evolução artistica e se resolveu bem ou mal o problema que se propoz a defender.

Antes de tudo, digamos em poucas palavras o assumpto. D. Jacintha da Costa, por morte de seu irmão, ficou encarregada da educação de suas sobrinhas Mathilde e Luiza; vindo viver para Lisboa, apresentou-as na chamada melhor sociedade, arranjando á mais velha um casamento distincto, com um aristocrata, por intervenção do padre Petigrain. Mathilde, a esposa de D. João da Cunha, viu em breve a sua legitima completamente espatifada, e a felicidade que esperava gozar convertida em constantes amarguras pelos desvarios e infamias de seu marido. Luiza, a mais nova, ficando em companhia da tia, entregára-se ao estudo e apaixonára-se pelo medico da casa, Jorge de Sousa, um rapaz de ideias modernas. O meio, porém, em que viviam era muito diverso; todas as amigas de D. Jacintha pertenciam á elite do catholicismo aristocratico, como frequentadoras de S. Luiz e devotas do padre Petigrain. Este santo ministro de Deus de um lado, e do outro o fidalgo arruinado e estroina cubicavam a fortuna de Luiza, mas esta, protegida pela irmã, lucta contra as armadilhas da camarilha clerical, e resolve-se a casar com Jorge de Sousa, depois de hesitar por longo tempo em virtude do medico querer casar civilmente. São innumeradas as intrigas e as calumnias forjadas pelo padre Petigrain e por D. João da Cunha, para conseguirem os seus fins e evitarem o casamento com Jorge de Sousa, mas os esforços e a intelligencia de Mathilde con-

seguem afinal destruir os obstaculos e desfazer todas as invenções jesuiticas.

É este, a largos traços, o assumpto do *Casamento civil*. Se pretendessemos, porém, dar uma ideia do enredo complicado, das aventuras, das peripecias, das scenas de effeito, que bordam do primeiro ao ultimo acto esta comedia-drama, seriamos obrigados a encher mais algumas folhas de papel. O snr. Cypriano Jardim, ao contrario do snr. Teixeira de Queiroz, tem bastantes unturas dos dramaturgos francezes contemporaneos. Como Dumas filho, sacrifica a cada passo a realidade ás exigencias scenicas, procura palavras bombasticas que atordoem o espectador, declama para convencer, como o orador sagrado no pulpito, em fim só tem em vista o successo. Mas a sua sympathia por Sardou ainda nos parece mais entranhada; a complexidade da intriga, a serie infinda de aventuras, ás soluções inesperadas, o abuso no emprego de cartas, tudo denuncia que o author do *Divorçons* é o mestre dramatico do snr. Cypriano Jardim. No ultimo acto do *Casamento civil* para preparar o desenlace da intriga figuram nada menos de quatro cartas!

Se passarmos a analysar os personagens, veremos que em quasi todos se nota falta de observação da vida real. Luiza, por exemplo, não é um typo inteiramente verdadeiro. N'um meio corrupto e fanatico, em que toda a religião e toda a lei social é a vontade do padre Petigrain, como se explica a instrucção liberal de uma menina de 21 annos e a sua coragem e decisão para expulsar do seu oratorio o confessor da tia? como ousa affirmar ao jornalista Pigneiro que Jorge de Sousa ha de ser seu marido, antes do medico lhe fazer qualquer declaração de amor? e como depois de tudo isto ainda hesita no casamento e acredita nos embustes propalados pelo padre e pela sucia que o rodeia? O character de Luiza é, na realidade, incomprehensivel e vago, sem unidade de concepção, sem coherencia logica entre os effeitos e as causas. O author não foi mais feliz com Jorge de Sousa, o declamador incorrigivel, que por duas vezes invade sem motivos plausiveis a habitação particular do padre Petigrain, a segunda para contar a sua historia, uma historia romantica e sentimentalista, que nada justifica. A firmeza de caracter, as convicções democraticas, que distinguem o medico, aliás sem nos serem explicadas no decurso da comédia, vergam-se diante do amor; o snr. Cypriano Jardim quiz fazer de Jorge de Sousa um personagem essencialmente humano, quiz dar-lhe um sopro de vida real, tornando o sentimento mais possante do que os principios, mas na execução faltou-lhe o senso da verdade e apenas conseguiu diminuir o seu heroe, sem comtudo fazer d'elle um homem. Jorge de Sousa é um dos typos mais falsos do *Casamento civil*.

Mathilde, D. João da Cunha, Pulcheria são mais completos, um

tanto mais verdadeiros; o padre Petigrain está muito longe de ser, não dizemos já um jesuita á altura da sua missão, mas mesmo qualquer jesuita vulgar; a viscondessa de Souto, Pinheiro, D. Thomaz, etc., têm traços característicos, individualistas, porém quasi sempre exagerados. O melhor typo, talvez, de toda a comedia, aquelle em que ha evidentemente uma observação mais exacta, o mais humano, é D. Jacintha, a mulher inexperiente, devota, ignorante, que pratica o mal e o bem sem consciencia, guiada apenas por influencias exteriores que actuam sobre o seu organismo passivo e fraco.

Se pozermos de parte as declamações emphaticas, as phrases rhetoricas, que o snr. Cypriano Jardim faz de vez em quando recitar aos principaes personagens da sua comedia, notamos no *Casamento civil*, considerado no seu todo, um progresso bastante accentuado na linguagem convencional do theatro e uma tendencia para se aproximar da simplicidade natural. Esta comedia-drama é, de facto, menos rhetorica do que as peças mais applaudidas dos nossos dramaturgos contemporaneos. No dialogo facil e corrente o snr. Cypriano Jardim cinge-se frequentes vezes á realidade. Por isso muitas scenas, encaradas isoladamente, traduzem com extrema precisão o que se passa no mundo real; e provam-nos que o author nos poderia dar uma comedia naturalista, se fizesse um estudo aturado e procurasse disciplinar o seu cerebro com o methodo experimental e com uma doutrina philosophica e scientifica.

Como vêmos, ha no *Casamento civil* claros symptomas da moderna evolução litteraria, apesar dos seus inumeros defeitos e da preferencia dada pelo author á imaginação sobre a observação. Falta-nos agora considerar a solução da these. Passando á analyse d'este ponto, perguntamos: como apresenta o snr. Cypriano Jardim o problema e como advoga a superioridade do casamento civil sobre o casamento religioso?

Pelo assumpto geral da comedia, que atrás deixámos esboçado, vê-se facilmente que toda a lucta se trava em volta e por causa da fortuna de Luiza, e não da fórmula como se ha de celebrar o acto matrimonial. A these, que dá o titulo á peça, toma desde logo um lugar secundario. Mas, ainda assim, fica no vago, porque o author não nos diz a razão da incompatibilidade entre a consciencia de Jorge de Sousa e as praticas externas do culto catholico. A instrucção scientifica ou as ideias democraticas do medico não bastam para justificar a sua intransigencia. O snr. Cypriano Jardim sabe tão bem como nós, que a maioria dos incredulos aceita sem grande repugnancia as fórmulas usuaes da religião. A hypocrisia de se acatar publicamente o que se ridicularisa em particular, é uma praxe seguida por quasi todos os individuos. São raros os que não transi-

gem, e esses são sempre movidos por qualquer razão superior, moral ou intellectual, que os eleva acima do vulgo. Ora, Jorge de Sousa não está n'este caso; pelo menos o author não se digna dizer-nos qual o movel dirigente dos seus actos. Depende tambem d'esta falta a fraqueza dos argumentos empregados pelo medico na defeza do casamento civil. O snr. Cypriano Jardim não se ergueu á verdadeira comprehensão da sua these. Teve por isso de lançar mão de sophismas, de contrastes capciosos, de differenças ficticias, que não existem perante a lei. O codigo civil portuguez reconhece eguaes direitos aos conjuges unidos por qualquer das duas fórmulas, civil ou religiosa; quer perante o parochio, quer perante o administrador, marido e mulher contraem os mesmos deveres, as mesmas obrigações reciprocas. Se em Portugal já estivesse decretado o registro civil obrigatorio para todos os cidadãos, e se em vez da separação de bens e pessoas fosse admittido o divorcio, então os argumentos do snr. Cypriano Jardim seriam validos e positivos, posto que sempre secundarios. Os motivos mais sérios, as razões definitivas e primarias, que militam a favor do casamento civil não as conhece de certo o illustre escriptor; pelo menos assim o provou calando-as na sua comedia. São de uma ordem superior e ligam-se á dignidade humana e á evolução historica e natural das sociedades. Era n'este vasto campo, principalmente debaixo do ponto de vista moral, que o snr. Cypriano Jardim deveria colher os elementos essenciaes para sustentar a sua these.

O *Casamento civil* não corresponde, portanto, ao fim para que foi escripto. Porém, este defeito, em geral, é commum a todas as obras dramaticas que se propõem a solução de um problema. Dumas filho não tem maior felicidade nas suas theses. É mais uma prova de que a obra de arte não se deve subordinar a um destino preconcebido.

VI

Por tudo quanto deixamos dito, podem os nossos leitores avaliar o estado do theatro portuguez na actualidade. Desde Garrett ainda não encontrou um talento brilhante que lhe dêsse vida, que o levantasse da miseria e da ruina, em que cahiu. A poesia e o romance surgiram da sua lethargia, ao mesmo tempo que a historia, a critica, e os estudos scientificos e philosophicos. O positivismo nos dominios da philosophia e o naturalismo nos dominios da arte deram um novo impulso á intelligencia humana. Portugal seguiu a corrente que dirigia os espiritos em toda a Europa. O theatro, porém, ficou atrazado, se não estacionario. O *Casamento civil* e o *Grande Homem*, representam o grau actual da passagem

da fôrma romantica para a fôrma realista nos palcos portuguezes. É preciso continuar, avançar mais alguns graus, entrar francamente no movimento naturalista.

Ponha-se de lado todo o velho scenario romantico, como já se poz o scenario classico; abandonem-se as convenções na lingua-gem, nos personagens, nas scenas, nos finais de acto, nos enredos, em tudo emfim que faz parte como elemento indispensavel, da litteratura dramatica. Acabe-se de uma vez para sempre com todo o material gasto e phantastico dos dramas romanticos. Substituam-se os bonecos, os bonifrates, por homens de carne e osso, apanhados na vida real e escarpellizados com o maior rigor scientifico. Descrevam-se, pintem-se os meios que exercem acção sobre os caracteres e sobre as qualidades dos personagens. Desterre-se o symbolismo das virtudes e dos vicios e em seu logar introduzam-se na scena documentos humanos, copiados da existencia real. Liguem-se os factos e os individuos de um modo logico e coherente, que faça de todas as scenas e dos varios actos uma serie determinada de causas e effeitos. Ter-se-ha assim o naturalismo no theatro.

TEIXEIRA BASTOS.

DO METHODO A SEGUIR

NA APPLICAÇÃO DO REALISMO Á ARTE

(Continuado da pag. 40)

O snr. Silva Pinto, com o bom senso que caracteriza a sua auctoridade de critico severo e justiceiro, disgrega em dois grupos os escriptores realistas — psychologistas que têm por principaes representantes Balzac e Stendhall, precursores da nova formula, e physiologistas que se filiam em Flaubert e Zola. Depois, desenvolvendo o seu trabalho consciencioso e erudito, exalta o methodo psychologico, attribuindo a inferioridade dos caracteres de Zola, em confronto com os typos colossaes do auctor da Comedia humana, á insufficiencia do methodo physiologico e nega á observação exterior a força indispensavel para attingir o fim da arte, que deve ser a interpretação da verdade natural.

Se bem nos recordamos, a mesma distincção foi estabelecida por outro critico illustre, o snr. Alexandre da Conceição, na classificação que fez de alguns escriptores realistas portuguezes.

Acceitamos esta opinião, subentendendo-se que nenhum dos methodos, só de per si, é susceptivel de nos dar um conhecimento exacto e verdadeiro da alma e temos como profundamente verdadeira a distincção, baseada não na exclusiva applicação de qualquer dos methodos, mas no predominio de um ou de outro.

E de facto parece que o abalisado critico se não distancia

d'este ponto de vista, quando, na apreciação do primeiro trabalho do iniciador do realismo em Portugal, encarece a poderosa alliança da observação subjectiva e objectiva, pela filiação por um lado em Balzac e por outro pela assimilação em Flaubert da sciencia dos temperamentos. Mas, ao mesmo tempo, de todo este seu trabalho de lucida critica, a que nos vimos referindo, resalta uma manifesta predilecção pela observação introspectiva, considerada a observação externa como secundaria e subsidiaria.

Tambem nos quer parecer que uma exacta e verdadeira sciencia mental jámais poderá ser fundada sem esta alliança.

Para se comprehender a necessidade de que a introspecção e a observação exterior se apoiem mutuamente, basta considerar, por um lado, que a consciencia, que nem sequer nos revela a existencia do cerebro, accusa a séde de todas as sensações no exterior, quando a physiologia demonstra irrecusavelmente que toda a sensação se localisa no cerebro, em quanto que, por outro lado, se reconhece que nunca poderíamos ter uma ideia exacta do que é um prazer ou uma dôr sem alguma vez a termos sentido. Combinando, porém, as revelações da consciencia com os processos physiologicos da sensibilidade, adquire-se esse conhecimento com rigorosa exacção.

Mas a qual d'estes elementos de observação cumpre dar preferencia para se lançarem as bases de uma solida e verdadeira sciencia do espirito?

Francamente confessamos a nossa hesitação; mas, constituidos na necessidade de opção, não duvidaríamos pronunciar-nos pela excellencia e superioridade do processo physiologico, quando attendamos como o methodo inductivo e objectivo, triumphante na esphera dos factos de ordem physica, alarga as suas conquistas na orbita dos phenomenos psychicos.

A observação mais completa é a que parte do exterior para o interior; a contemplação interna, entregue só a si, fluctua no vago e no especulativo; lança-se nos erros da metaphysica e, quando se considera quantas abusões têm sido varridas dos horisontes da sciencia alargada, não pela introspecção individual, mas pela observação objectiva, o espirito inclina-se necessariamente á convicção da superioridade d'este ultimo methodo.

Seja exemplo de um dos maiores erros da metaphysica, e ao qual foram arrastados espiritos superiores como o de Descartes, a crença de que a actividade cerebral não cessava nunca.

A physiologia veio demonstrar não só a espacejada inconsciencia do espirito, mas até a sua absoluta inactividade. É uma não existencia pela falta de consciencia sem aniquilamento.

Os maiores progressos da sciencia devem-se aos instrumentos

que reforçaram os sentidos. A astronomia, uma das sciencias que maiores conquistas têm alargado no campo incommensuravel do incognoscivel, deve os seus maiores progressos a instrumentos, como o telescópio e espectroscópio, que tanto augmentaram a acuidade do aparelho visual.

Se o espirito é a funcção do orgão mais importante da vida — o cerebro, necessariamente o estudo scientifico dos processos psychicos deve ser precedido pelo estudo dos processos vitaes, que não podem ser comprehendidos exclusivamente pela consciencia individual.

É este o methodo mais racional — partir do simples para o complexo em uma serie ascendente de generalisações, que se baseiem em factos irrefutaveis, e é exactamente aquelle que não pôde ser praticado mediante a interrogação exclusiva da consciencia. A contemplação interna, sómente praticavel em um grau elevado de desenvolvimento mental, fixa-se nos phenomenos mais complexos da actividade psychica e, menosprezando os factos singelos e as phases inferiores e rudimentares do espirito, sem as quaes são incompreensiveis os phenomenos de ordem superior, esterilisa-se nas empiricas incertezas da metaphysica e briga com o methodo inductivo, universalmente adoptado e o mais conducente a seguras generalisações.

A observação psychologica só intervem efficazmente, quando o esforço do raciocinio incide sobre os elementos condensados pela observação exacta da natureza e pela analyse experimental. A propria psychologia tem reconhecido a importancia e a necessidade da physiologia, abandonando o seu methodo exclusivo de observação especulativa e assimilando as descobertas physiologicas: mas ao mesmo tempo forceja sempre por sustentar a sua preeminencia nas divagações transcendentales, em vez de reconhecer a superioridade da physiologia, d'onde dimana toda a luz que esclarece as funcções do espirito.

Para a investigação scientifica é de capital interesse fixar o predominio da physiologia, não por mera banalidade de vaidosas precedencias, mas porque se trata de uma revolução profunda de methodo, a qual visa principalmente á fundação de um methodo unico pela alliança da observação objectiva e subjectiva. Sob este ponto de vista a questão reflecte-se tambem no campo da arte: a arte, embora dentro de uma esphera de acção independente da sciencia, recebe-lhe a influção, como a natureza recebe a luz fecundante do sol.

O que importa determinar é que o artista não pôde internar-se no labyrintho das emoções que têm por séde o systema nervoso, coroado pelo cerebro, sem o auxilio fundamental da physiologia;

que o homem interno não pôde ser revelado sem a prévia dissecação do homem exterior; que uma psychologia inductiva não pôde ser fundada com verdade e segurança sem a primordial observação objectiva. A sciencia dos caracteres tem por guarda avançada a sciencia dos temperamentos; os sentidos em acção denunciam o homem interior. A analyse do homem é uma verdadeira dissecação moral; surprehendendo-o em flagrante actividade sensoria, o artista apodera-se-lhe da alma e começa então a laboração psychologica.

O artista estuda o seu personagem, heroe ou typo secundario que sirva para dar relevo ás figuras principaes, nos seus habitos, nos seus actos, nos seus gestos, nas suas palavras, nos traços physiomicos, em todas as suas relações exteriores com o meio ambiente, e o character, o temperamento, a alma, resaltam, como que n'uma intuição luminosa, d'este conjuncto de circumstancias externas.

E á objecção de que se logra tão sómente fazer uma mistura confusa, tentando-se crear uma unica sciencia pela abolição da distincção entre psychologia e physiologia, responde Maudsley, em cujos lucidos trabalhos nos apoiamos, que prefere estar em concordancia com a natureza, em vez de cingir-se ás divisões superflua-mente impostas pelo homem á natureza.

Quando se acompanham com attento exame os trabalhos de Luys e Maudsley, não se pôde contestar a importancia da physiologia na investigação dos phenomenos psycho-intellectuaes. Justiça é então reconhecer que os creadores de uma physiologia do espirito, resolvendo satisfactoriamente os phenomenos da actividade mental e affectiva, para explicar os quaes é manifesta a impotencia da sciencia especulativa, se apossam com vantagem do campo, onde se erguia o grandioso edificio da metaphysica, que arrojava aos espaços transcendentes a sua architectura sem alicerces na terra.

A observação positiva e a experimentação, symbolisadas em Comte e em Claude Bernard, são os grandes utensilios do seculo. A sociedade tende a transformar-se sob a acção poderosa da sciencia positiva, e na arte, que é a expressão da vida, ha de reflectir-se esta evolução n'um movimento impulsivo para a interpretação da natureza.

Sempre que se descursa o estudo da natureza, a arte decaee. É assim que Taine explica a decadencia não só das escolas litterarias, mas tambem dos grandes artistas, como Miguel Angelo, que na velhice, sendo ainda superior a todos os outros, é inferior a si mesmo.

Foi tambem assim que a arte se esterilizou, quando se afastou das fontes vivas da observação natural, escravizando-se nos moldes chatos e convencionaes do classicismo e é tambem pela mesma ra-

ção que o movimento litterario de 1830 ficaria incompleto sem o moderno triumpho do realismo.

O realismo, invocando a verdade como fonte de toda a inspiração artistica, não inventou certamente nada de novo.

Sómente a formula realista resolve de um modo efficaz e positivo o problema do triumpho da verdade natural, quando outras escolas, quicá com os mesmos intuitos, lograram apenas desfigurá-la n'uma ridicula mascarada.

É este o seu melhor merecimento e indisputavel titulo de gloria.

(Continúa).

JULIO LOURENÇO PINTO.

A QUESTÃO DO ZAIRE

I

O que vamos fazer hoje não é por fôrma alguma a critica da questão, é a sua exposição apenas.

Rigorosamente, expôl-a, é resolvel-a.

Mas as soluções mais facéis no campo da historia, do bom senso pratico, do direito conhecido e assente, encarrega-se, ás vezes, a diplomacia de as complicar extraordinariamente, de as tornar por largo tempo embaraçosas e asperas, quando as não entrega, impotente e desastrada, ao « juizo de Deus » dos sabres e dos canhões.

E não é porque a sua missão seja esta, ou porque ella não tenha realmente a desempenhar no mundo moderno, mais e melhor do que no mundo antigo, uma grande e redemptora missão.

Longe porém nos levariam estas considerações e nós propomos apenas a expôr summaria e rapidamente o que é, e em que termos se acha a questão do Zaire, que prende naturalmente agora todas as nossas atencões caseiras.

Um pouco obedecendo ás condições ethnicas da nossa formação nacional, um pouco impellidos pelas condições fataes e exteriores d'essa formação, lançámo-nos — da nesga da terra em que fizemos o ninho d'uma das mais perfeitas nacionalidades da Europa moderna, aos « mares nunca d'antes navegados ».

Cheios d'uma possante e original vitalidade que não encontrava já, porque viera tarde, n'essa Europa, campo asado e livre em que pudesse expandir-se, descobrimos metade do mundo á outra metade e alastramo-nos, permita-se-nos a expressão, por climas e regiões até então inteiramente desconhecidas, umas, outras mal antevistas apenas nas brumas da tradição e da lenda antiga.

Alongando-nos pela costa d'Africa, devassámos o Zaire e estabelecemo-nos como senhores n'aquella parte da terra que a geographia d'então julgava defeza ao homem, e que o direito do tempo, que não deixou de ser o de hoje, entregava á soberania politica do primeiro descobridor europeu.

Estabelecemo-nos pacificamente n'uns pontos, por espontanea submissão dos indigenas; estabelecemo-nos, conquistando, n'outros, por direito de civilisação e de vida.

Toda a costa africana foi devassada e explorada por nós; fixámo-nos n'ella; fundámos cidades e creámos mercados; rompemos pelos sertões a dentro; entregámos, enfim, a Africa equatorial, á civilisação europêa, sob a nossa bandeira e á custa exclusivamente dos nossos esforços e do nosso sangue.

Enviado pelo rei de Portugal em 1484 a continuar a descoberta africana « por serviço de Deus, augmentação da nossa santa fé e bem e acrescentamento de nossos reinos », segundo se exprime o diploma de 14 d'abril d'aquelle anno, que o nomeou, Diogo Cam, descobria o Zaire, fixava ahi o padrão de posse e soberania nacional, ao costume da época, e abria as primeiras relações europêas com a que era então a mais poderosa potencia africana do lado do occidente, a nossa actual vassallagem do Congo, que se estendia, ao norte, até ao Loango.

Em 29 de março de 1491 desembarcava no Zaire uma expedição portugueza que se internava até a *nbanza* do potentado, e parte da qual ia pouco depois em tom de guerra, auxiliar a submissão da gente revolta do Macoco, aquelle phantasiado imperio da não menos phantasiada descoberta do moderno explorador italiano ao serviço da França, o snr. Savorgnan de Brazza.

É necessario dizer ainda que o Macoco é um nosso velho conhecido, antigo vassallo do Congo, com o qual os portuguezes « ordinariamente commerciavam » nos seculos XVI e XVII, na phrase contemporanea de Garcia Mendes Castello Branco?

Foi rapido o estabelecimento da nossa suzerania no Congo.

Puzemos alli determinadas authoridades; introduzimos os nossos usos e a nossa justiça, e acabamos por fundar na *nbanza* capital, que crismámos em S. Salvador, a séde de um novo bispado do padroado portuguez.

Monopolisavamos e regulamentavamos o commercio do nosso novo dominio, ao uso e direito do tempo, e o rei portuguez assumia á face do mundo e sem contestação de ninguem o titulo, que não representava então uma simples ostentação honorifica, de *senhor da Guiné*.

Ao norte, a nossa occupação era representada por feitorias reaes. Arrendavamos o commercio da costa, e defendiamol-a dos aventu-

reiros estranhos que tentavam abordal-a ou fixar-se n'ella, sem permissão do governo portuguez.

Do lado do sul, tendo-se mallogrado o intento d'um estabelecimento pacifico, iniciavamos valentemente a conquista dos territorios que hoje completam d'este lado a nossa provincia d'Angola, submettendo successivamente á nossa soberania culta os potentados e povos indigenas.

Não é agora occasião de nos demorarmos na historia aliás tão tristemente viciada por uns, e tão deploravelmente ignorada por outros, da formação do nosso vasto dominio continental ao sul do equador e do lado do occidente. Faltaram infelizmente a essa historia os grandes chronistas que transmittiram á posteridade a epopéa da India.

Ao terminar o seculo xvi, o que podemos chamar a capitania d'Angola, tinha já por limite norte o Loango, cuja feitoria real fôra desannexada dos *resgates* de S. Thomé, e poucos annos depois, pela fundação de Benguella, em 1617, aproximava-se do seu actual limite sul.

Veio porém a grande desgraça nacional d'aquella união iberica dos Philippes, em que o nosso grande imperio colonial esteve a pique de desaparecer inteiramente.

Recuperada a independencia portugueza e reconquistada Loanda aos hollandezes que não haviam conseguido destruir o nosso dominio, nem radicar o seu, a nossa vasta provincia africana foi rapida e vigorosamente reconstruida.

É verdadeiramente prodigiosa esta como que resurreição da velha energia e do valoroso espirito da gente portugueza: — pagina das mais brilhantes da nossa historia, infelizmente escondida ainda no fundo dos archivos, ou mal revelada apenas em succintas narrações superficiaes.

Parece que d'aquelle pobre e abatido presidio de Massangano, se despegam em todas as direcções verdadeiras avalanches que levam até ao fundo dos sertões o castigo da perfidia indigena e da intriga hollandeza.

Os invasores e os aventureiros europeus são expulsos do Zaire e da costa até ao Loango.

O Congo, a Nginga, o Golungo, o Libollo, a Quiçama, abrem-se de novo ao prestigio e á soberania portugueza.

Todos sabem porém como sabimos enfraquecidos, desnorteados e pobres da dominação philippina e da longa e terrivel lucta, não só bellicosa, mas diplomatica, que nos custou a victoria. Cara a pagámos a adversarios, e o que é mais triste, a amigos e alliados tambem.

Reconstituído o nosso dominio angolense tivemos de concen-

trar as poucas forças cançadas e gastas que nos restavam, e não estabelecemos uma occupação effectiva e permanente no Zaire e na costa adjacente ao sul e ao norte, sem que por isso, contudo, surgisse de qualquer parte a idéa d'um abandono de direitos soberanos, que até muito depois não foram contestados.

Muito ao contrario.

Ainda em 1723 expulsavamos de Cabinda os aventureiros inglezes que alli haviam contruido um forte, e pensavamos em construir um posto fortificado no Gabão.

Em 1752 propunha-se que fortificassemos Loango, Molembo e Cabinda.

Em 1779 ordenava-se a construção de pequenas fortalezas em Cabinda, Molembo, margens do Zaire e Ambriz, e finalmente em 1783 fundavamos uma n'aquelle primeiro ponto.

Nenhuma objecção surgia; nenhuma reclamação se fazia ouvir.

Todos reconheciam a soberania portugueza n'aquelles territorios.

Foi em 1784, quando faziamos o forte de Cabinda, que essa soberania, ao norte do Zaire, se achou, não positivamente contestada, não discutida sequer, mas surprehendida e affrontada violenta e abusivamente por uma nação amiga, ou o que é mais exacto, por um delegado d'essa nação.

Referimo-nos ao acto de Bernard de Marigny, intimando á nossa guarnição, toda ella enferma, o abandono do seu posto, sob a ameaça das baterias de duas fragatas francezas.

Não precisamos refazer a historia d'este facto inaudito, porque elle foi invalidado e annullado pela briosa satisfação que a França nos deu na convenção de Madrid, em 1786.

O que porém convém recordar é que n'esta convenção, depois que o representante francez nos assegurou em nome do seu soberano que o acto de Marigny não tivera por fim contestar ou diminuir os direitos soberanos que Portugal se attribuia n'aquella costa, e que a França não poria o menor embaraço, de qualquer natureza ou por qualquer modo, « a essa soberania e ao seu exercicio », — o ministro portuguez declarou que o seu governo concedia de boa mente a liberdade do trafico ao norte do Zaire, recusando-a porém n'este rio e ao sul d'elle, á França, como a qualquer outra nação, porque d'esse lado a colonisação e o commercio nacional se achavam estabelecidos e organizados por uma fôrma regular e continua, — querendo significar evidentemente que não podia permittir que pelos portos do sul e por aquelle rio, os estrangeiros levassem para as suas colônias os braços de que muito careciamos nas nossas.

Tanto a França reconhecia sinceramente a nossa soberania na costa do norte e no grande rio africano, que exactamente declarou aceitar esta concessão e conformar-se com a defeza do trafico, para os seus subditos, ao sul do rio, visto que essa defeza era extensiva aos outros estados.

É claro que esta situação particular caducou de ha muito com a liberdade de communicação e de commercio estrangeiro, — fixada pelo uso, ou estabelecida pela lei, em toda a nossa costa e portos d'Angola. O que não caducou porém é o principio fundamental da convenção, o que lhe deu origem, o que a explica e o que ella teve por fim definir: — isto é, que a França não contesta nem pretende diminuir os direitos soberanos de Portugal na costa do norte, e nenhum embaraço e nenhuma objecção põe « a essa soberania e ao seu exercicio ».

Vejamos agora quem tem objectado, e porque, não tanto o nosso direito, como o seu regular exercicio. É esta rigorosamente a questão do Zaire, sob o seu aspecto diplomatico de occasião.

(Continúa).

LUCIANO CORDEIRO.

TRADIÇÕES POPULARES E DIALECTO

DA

EXTREMADURA HISPANHOLA

Fundou-se ha pouco no vizinho reino mais uma revista para o estudo das tradições e dialectos populares, — o *Folklore frexnen-se*, orgão da sociedade do mesmo nome, constituida o anno passado em Fregenal de la Sierra (Badajoz), sob a presidencia do illustrado jornalista o snr. D. Luiz Romero y Espinosa.

O 1.º numero, que tenho á vista, correspondente a Janeiro-Abril de 1883, traz uma grande variedade de materiaes folkloricos e glottologicos, que são muito bem vindos para os que se occupam de taes estudos.

Vou passar em revista alguns d'esses materiaes.

Los tres claveles é um conto popular recolhido com muita circumspecção pelo snr. Sergio Hernandez, que, por esta simples amostra, se me afigura ter uma exacta comprehensão do folklore. Como o collector diz na not. de pag. 24, o conto dos *tres claveles* apresenta analogias com outros contos conhecidos. A circumstancia da penna da ave molhada curar a vista póde identificar-se com uma lenda christã das provincias bascas de Hispanha, publicada in *Mé-lusine*, col. 554.

El paso de la santa cruz é uma representação religiosa interessante; mas não posso deixar de extranhar a maneira pouco scientifica por que o collector, o snr. M. R. M., termina o artigo.

Sob o titulo de *Miscellanea* incluem-se varios factos tanto em verso, como em prosa. Na *arithmeticã popular* ha uma canção popular

Al rebej he de contar
Las piedras de tu columna, etc.,

a proposito da qual o collecter remette o leitor para os *Cant. pop. esp.* de R. Marin, onde vem composições analogas. Nas minhas *Trad. popul. de Port.*, pag. 32, publiquei uma canção muito semelhante. Nos *Cant. pop. venez.* de Bernoni, II, 84, vem tambem um canto só de numeros (apud *Romania*, II, 368, onde se citam mais exemplos). Effectivamente o canto dos numeros é vulgar. Nas *allicantinas* vem umas rimas

Una hora duerme el santo,
Dos el que no es tanto, etc.

que se podem comparar com umas que publiquei no meu opusculo *O dialecto mirandez*. Cfr. mais estas que ouvi a um meu condiscipulo e que se dizem nos serões ás pessoas que tem somno:

Tres horas dorme o santo,
Té quatro não será tanto,
Cinco o estudante,
Seis o andante,
Sete o caminhante,
Oito o porco,
Nove o que teve desgosto,
E d'aquí p'ra cima
Dorme o morto.

(S. VICENTE DE SOUSA).

Na *Bibliographia* o meu amigo o snr. Romero y Espinosa inse-re um bom numero de dictados topicos hispanhoes a proposito dos portuguezes que eu publiquei em opusculo em 1882, e ensaia por fim uma classificação provisoria que facilita realmente o estudo d'elles, com quanto as secções *indeterminados* e *determinados* fiquem melhor reunidas numa, porque tão determinado é o dictado

Al andaluz
Hazle la cruz

que o A. incluye nos *indeterminados*, como est'outro

Medicos de Valencia,
Luengas haldas
Y poca ciencia ¹,

¹ Aproveito a occasião para dizer que na collecção *Philosophia popular de proverbios*, n.º 45 da *Bibliotheca do povo e das escólas* de Lisboa, acho tambem

Medicos de Valença,
Grandes faldas,
Pouca sciencia.

que o A. inclue nos determinados. Acaso Andaluzia e Valencia não são dois pontos bem determinados? Se Valencia, por ser uma localidade, é *determinada* com relação á Andaluzia, que é uma provincia, tambem a Andaluzia, que o A. inclue nos indeterminados, se póde considerar determinada em relação á Hispanha toda, e assim por diante ¹.

Direi agora duas palavras da linguagem vulgar extremenha, fundado nos textos da revista, e com especialidade nos dois artigos *Caractères prosódicos del lenguaje vulgar frexnense* por Luiz Romero y Espinosa, e *Lenguaje vulgar extremeño* por M. R. M. A revista do *Folklore frexnense* veio confirmar o que eu já tinha suspeitado, i. é, que entre a linguagem da Extremadura e a da Andaluzia havia intimas relações. Um dos caracteres distinctivos da linguagem extremenha parece ser a aspiração, cuja escala ó snr. Espinosa gradua assim: *r, s, z, h*. O *r* final, o *s* tambem final antes de palavra cuja consonancia inicial seja *s* ou *h* mudo, e o *z* egualmente final aspiram-se. A regra da aspiração do *h* é esta: succeder a um *f* original; comtudo muitas vezes a analogia e outras causas podem trazer excepções á regra. É por isso que se diz sem aspiração, por ex.: *hombre* (lat. *hominem*), *hoy* (lat. *hodie*), *haber* (lat. *habere*), *hospede* (lat. *hospitem*), e com aspiração, por ex. *jigo* (lat. *ficus*), *jorno* (lat. *furnus*), *jue* (= *fue*), etc. No seu importante estudo *Du C dans les langues romanes* (16.º fasc. da *Biblioth. de l'école des hautes études*, Paris 1874) diz Ch. Joret: « On sait que cette transformation de *f* en *h* est un procédé habituel de la langue espagnole; ex. *hado* (*fatum*), *hierro* (*ferrum*), etc. Mais l'*h* qui en résulte est muette, du moins dans l'état actuel de la langue ». (*Ob. cit.*, pag. 19, not. 4). Em vista da pronuncia extremenha (e andaluzia) a affirmação de Joret fica um pouco restricta. Esta aspiração vem já de longe, porque a lingua archaica conheceu-a, como se póde vêr em Fr. Diez, *Gramm. des l. rom.*, I, 347 sqq. Não será sem interesse, pelo menos para alguns leitores, transcrever os seguintes periodos das *Mélanges etymologiques* de J. Storm a respeito do *h* aspirado andaluz: « C'est à cause de cette aspiration que les Castellans disent par plaisanterie *Jándalo* pour *el habla andaluz*. Cette prononciation se trouve aussi chez les paysans de Puerto-Rico. Pajeken dans son excellente *Grammatik der spanischen Sprache*, 2.ª ed. Brême 1868, dit p. 160: « C'est parmi les paysans dits *Jibaros*, de l'île de Puerto-Rico, lesquels sont des des-

¹ Posteriormente á publicação da revista sahiu no n.º 171 de *El Eco de Fregenal* um extenso art. assignado por Micrófilo sobre *Dictados tópicos hispanhoes*.

«cendants pur sang des premiers conquérants du pays que l'ancien espagnol s'est probablement maintenu le plus longtemps. « Chez eux je trouvais d'usage journalier des mots comme *ainsi*, « *agora*, qui ont vieilli partout ailleurs, et le *h* des mots *hambre*, « *hembra*, *hablar* (*hombre*), etc. aussi fortement aspiré que dans « l'allemand *haben*, *Hand*, *Hund* ». L'exemple *hombre* est probablement erroné — » (in *Romania*, v, 179). Não é este o unico caso de a lingua que os colonos levaram para longe da metropole conservar até hoje antigas particularidades; dá-se tambem com o portuguez, e, como em breve veremos, com o castelhano n'outras localidades. — O *h* antes de *ue* soa como *g*. Sobre este ponto cfr. o meu *Dialecto mirandez*, pag. 39. — Outro phenomeno característico é a passagem de *ll* (*l* molhado) para *y*, como: *Castiyya* (Castilla), *cabayo* (cavallo). Este facto é commum á lingua de Bogotá¹ e de Buenos-Ayres²; mas, assim como em Higuera-la-Real (Hespanha) se dá o inverso, por uma analogia natural, e se diz *lherba* (*yerba*), *buellas* (*bueyes*), tambem em varios pontos do dominio geographico do hespanhol na America (Nova Granada, Guatemala) se ouve *oll* (*hoy*), *Popallan* (*Popayan*)³. — A mudança de *l* em *r* é muito frequente na Extremadura hispanhola. Escreve o snr. Espinosa: « No percibimos todavia la ley que rige a este fenómeno; pero parece que pudiera ser formulada, en lo tocante á los ejemplos presentados, diciendo que la *l* se convierte en *r* quando vá precedida de la vocal *a* y seguida de *m* ó *d* » (pag. 36). Comtudo a revista traz *er* (*el*). A lei geral parece ser que, semelhantemente ao que se dá no nosso Minho, o *l* se muda em *r* quando termina syllaba. — Em *tamié* (= *tambien*) ha um phenomeno de assimilação, analogo ao que se dá em portuguez nas palavras vulgares *tãmem* (= *tambem*), *imóra* (= *embora*), *amos de dois* (= *ambos de dois*). No *Elucidario* de Viterbo vem já *nós amos* (= *nós ambos*). O mesmo se dá no port. mod. *açamarcar* (= ant. *açambarcar*, que vem em Viterbo, s. v). Creio ser ainda o mesmo phenomeno o que nos revela o extremenho hispanhol *en'a* (= *en la*); como se sabe, o port. moderno *no*, *na* corresponde a *em lo*, *em la*, em virtude dos seguintes intermedios, que se encontram nos nossos doc. ant.: *em no*, *em na* (e *ēno*, *ēna*), *eno*, *ena*⁴.

¹ *Apuntaciones criticas sobre el lenguaje bogotano* por Rufino José Cuervo. Bogotá, 1876 (apud A. Morel-Fatio, in *Romania*, viii, 621).

² G. Maspero: *Sur quelques singularités phonétiques de l'espagnol parlé dans la campagne de Buenos-Ayres et de Montevideo* (in *Mémoires de la Société de linguistique de Paris*, tom. ii, pag. 64).

³ *Romania*, viii, 622.

⁴ O *Elucidario* de Viterbo offerece as fórmãs *cono*, *conos* dos sec. xiii

No extremenho *po la mano* ha egualmente uma assimilação (*pol la*).

No dialogo de pag. 40 do *Folklore frexnense* vem *ogaño* correspondente a *este año*; aquella fôrma, que corresponde ao port. do sec. xiv (apud Viterbo) *ogano*, é evidentemente o lat. *hoc anno*. Em *entiej* ha tambem uma correspondencia exacta ao lat. *ante hēri*.

A quéda do *d* é um phenomeno vulgar, não só na Hispanha, onde já é conhecido ha muito (no andaluz; vid *Romania*, iv, 16 e not.), mas em Bogotá (*Romania*, viii, 622) e em Buenos-Ayres (Maspero, *loc. cit.*, pag. 61). A fôrma *toito* é um deminutivo de *todo*, como *Perico* o é de *Pedro*. Em *naina* ha o mesmo deminutivo de *nada*? (Cfr. port. *nadinha*).

A correspondencia de *r* a *d* dá-se tambem nas localidades citadas.

A palavra *señora* está traduzida em extremenho por *jeñora* e *señd* (cfr. creolo *siñd*); qual é a distincção? Dos exemplos juntos na revista parece-me que *señd* se junta a um substantivo (*señd mayordoma*, pag. 26; *señd Juaquina*, pag. 40), e que *jeñora* se emprega como simples vocativo independente (*No, jeñora*, pag. 40)¹.

Na mesma pag. 40, a phrase extremenha *tio Perico* está traduzida por *snr. Pedro*: tambem na Extremadura hispanhola, como em Portugal, é costume tratar por *tios* e *tias* as pessoas de certo respeito²?

Um facto curioso de syntaxe é o emprego do infinitivo pelo imperativo (pag. 23, etc.), emprego que tambem ás vezes se dá em portuguez.

Seria muito interessante reunir as fôrmas vulgares dos nomes proprios, já de homens, já de localidades; de homens a revista offerece aqui e além *Frajco* (Francisco), *Bajtian* (Sebastião), *Perico*, (Pedro); etc. Tambem recommendo aos snrs. Espinosa e M. R. M. a

e xiv em vez de *com o*, *com os*; houve evidentemente os mesmos intermedios *com no*, *com nos* (*cō no*, *cō nos*), que não posso agora dizer se se encontram nos nossos doc. antigos, e *com lo*, *com los*. A assimilação que existe em *com no*, etc. a respeito de *com lo*, etc. deu-se de um modo semelhante no ant. dialecto leonez *conno*, *enno* (Cfr. *Romania*, iv, 32).

¹ Dão-se factos analogos em portuguez. Ouve-se muitas vezes uma pessoa dirigindo-se a outra do sexo masculino: *sim, senhora*; mas nunca se ouve *senhora fulano* em vez de *senhor fulano*. Diz-se por ex., conforme as localidades, *num quero, nã quero*, mas quando a negação vem só diz-se *nom ou não*. Cf. o meu *Dialecto mirandez*, not. 46.

² Cfr. as minhas *Trad. populares de Portugal*, not. 142. Os romanos empregavam ás vezes *pater* em sentido analogo.

indicação exacta não só das localidades onde ha variedades dialectaes, mas d'aquellas em que se dão os phenomenos caracteristicos do dialecto. Apesar de quasi todos os termos extremenhos virem acompanhados da respectiva significação, far-se-ha um bom serviço publicando no fim do vol. da revista um glossario (com a referencia ás pag. dos textos) dos termos empregados, para assim se facilitar o estudo d'esses termos.

Os dois artigos do snr. M. R. M. e Espinosa podiam com vantagem ter sido fundidos num só, para evitar repetições, e para os factos da mesma categoria ficarem juntos. Uma comparação do extremenho com o andaluz e os outros dialectos hispanhoes intra- e extra-europeus fôra tarefa apreciavel. No artigo do snr. M. R. M. não posso deixar de notar a phrase: « Sin duda el catalán y el gallego son dos dialectos del mismo castellano, á pesar de sus muchas diferencias con él, especialmente el primero, muy influido de raices provenzales y francesas » (pag. 39). Não se escreva tão facilmente um *sin duda*; o que é *sin duda* é ter o A. feito uma affirmação completamente falsa: o catalão e o gallego são dois dialectos não só independentes entre si, mas entre elles e o castelhano. O A. póde vêr isso explanado já em actores nacionaes, já em estrangeiros, como Diez e outros. Tambem no dialogo apresentado pelo snr. M. R. M. a traducção castelhana devia ser mais litteral do que é.

Eis agora, para dar aos leitores uma amostra mais clara do *dialecto extremauro*¹, um pequeno conto popular que vem a pag. 57 da revista:

« Una vehj cogió Nuehjtro Señó á tóhj lohj malohj qu'habia en 'a groria y lohj ató con una cuerda, y lohj puso recorgando der cielo. Cuando ehjtaban ataojh toitojh le dijo á San Pedro que cogiera la cuerda y se ehjtubiera asina jata qu' er le dijera que sortar' aqueya gente. Póhj² señó, que se puso er Señó á deci misa, y cuando bá y dice: *Sursun* [i. é, *sursum*] corda, y que s'iba figurao San Pedro? Pensó qu'er Señó l' iba dicho: *suerta la cuerda*, y la sortó, y toitojh lohj malohj cayeron abajo. A unohj se le rompió un brazo, á otrojh se le sartó un ojo, á otro se l'alestima una pielna, y er resurtao de toito jué qu' er mundo se yenó de gente lisiá. Por

¹ Da not. 5 a pag. 57 da revista parece concluir-se que o nome vulgar de *extremenho* é *extremauro*.

² *Póhj señó* (i. é, *pués señor*) é um estribilho vulgar nos contos popul. hispanhoes. A proposito, diz o collector que *pohj* e *pos* são contracções de *pués*: creio que não, mas que representam uma phase intermédia entre ésta ultima fórma e o lat. *post*.

eso tohj lohj malohj tienen argun defeto ; porqu' ehjtán cahjtigaohj pô la mano 'e Diohj ».

Dou a seguinte traducção em castelhano, tanto á letra quanto me é possível :

« Una vez cogió Nuestro Señor á todos los malos que habia en la gloria y los ató con una cuerda, y los puso colgando del cielo. Quando estaban atados todos le dijo á San Pedro que cogiera la cuerda y se estuviera asin hasta que el le dijera que soltara aquella gente. Pues señor, que se puso el Señor á decir misa, y quando vá y dice: *Sursum corda...* y que se habia figurado San Pedro? Pensó que el Señor le habia dicho: *suelta la cuerda*, y la soltó, e todos los malos cayeron abajo. A unos se le rompió un brazo, á otros se le saltó un ojo, á otro se le lastima una pierna, y el resultado de todo fue que el mundo se llenó de gente lisiada. Por eso todos los malos tienen algun defecto, porque están castigados por la mano de Dios ».

Terminando, cumpre-me felicitar os propagadores do *Folklore fraenense* pela actividade que estão dispendendo a bem da sciencia e da patria.

Porto, Fevereiro, 1883.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

BIBLIOGRAPHIA

O Dialecto Mirandez — *Contribuição para o estudo da dialectologia românica no domínio glottologico hispano-lusitano*, — por J. LEITE DE VASCONCELLOS, alumnado da Escola medica do Porto. — Porto, Livraria Portuense de Clavel & C.^a — Editores. 119, rua do Almada, 123 — 1882 — Preço 300 reis. 40 pag. in-8.^o

O nosso estimado collaborador, snr. Leite de Vasconcellos, muito conhecido e apreciado já pelos seus estudos ethnographicos, dedica-se tambem á investigação scientifica no campo da glottologia, como acaba de o provar com a publicação d'este trabalho ácerca do *Dialecto Mirandez*. É uma interessante monographia em que o auctor analysa uma lingua popular fallada nos arredores de Miranda do Douro, em Traz-os-Montes; ao lado d'este dialecto vive, porém, o «portuguez como lingua official e empregada pelas classes illustradas ou ainda pelas populares, quando estas se querem tornar intelligiveis ante as pessoas que desconhecem o dialecto». (Pag. 9). O dialecto mirandez tem incontestavelmente grande importancia sob o ponto de vista glottologico, e o snr. Leite de Vasconcellos presta um grande serviço colligindo materiaes e estudando tudo quanto possa augmentar os nossos conhecimentos scientificos n'este ramo das sciencias sociaes; parece-nos, porém, que exagera bastante o valor sociologico do dialecto mirandez quando advoga a sua conservação, comparando-o ás linguas da Irlanda, da Escocia, da Provença, da Catalunha, da Galliza, da Sicilia, etc. etc. A área em que predomina este dialecto é muito limitada e não tem as tradições historicas ou um passado de independencia, como as vastas regiões, onde se fallam os differentes dialectos de Hespanha, França, Italia ou Inglaterra.

O trabalho glottologico do snr. Leite de Vasconcellos comprehende, além da introdução, uma parte phonetica, outra morphologica um tanto desenvolvida, syntaxe, textos e materiaes para um vocabulario mirandez.

Na conclusão fixa o auctor o lugar occupado pelo dialecto mirandez « ao lado do *asturiano-leonez*, entre este sub-grupo e o sub-grupo *gallecio-portuguez* ».
(Pag. 38).

O nosso amigo Leite de Vasconcellos revela n'este novo estudo os seus muitos conhecimentos philologicos, o que nos faz esperar na promettida *Dialectologia portugueza* um dos seus trabalhos fundamentaes.

TEIXEIRA BASTOS.